



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA**

JOÃO MARX DE SOUSA

**A PRESENÇA INTERMIDIÁTICA DA BEAT GENERATION NA OBRA DE
LANA DEL REY**

**CAJAZEIRAS – PB
2021**

JOÃO MARX DE SOUSA

**A PRESENÇA INTERMIDIÁTICA DA BEAT GENERATION NA OBRA DE
LANA DEL REY**

Monografia de Graduação apresentada ao
Curso de Licenciatura Plena em Letras –
Língua Inglesa da Universidade Federal de
Campina Grande como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras –
Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira
Junior

**CAJAZEIRAS – PB
2021**



S725p

Sousa, João Marx de.

A presença intermidiática da Beat Generation na obra de Lana Del Rey / João Marx de Sousa. - Cajazeiras, 2021.

55f. : il. Color.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior.

Monografia (Licenciatura em Letras- Língua Inglesa) UFCG/CFP, 2021.

1. Beat Generation. 2. Intermedialidade. 3. Literatura Norte-americano. 4. Música Norte- americano. 5. Música popular. 6. Lana Del Rey . I. Ferreira Júnior, Nelson Eliezer. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

BS/CFP/UFCG

CDU – 82-31(73)

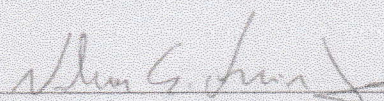
JOÃO MARX DE SOUSA

A PRESENÇA INTERMIDIÁTICA DA BEAT GENERATION NA OBRA DA
LANA DEL REY


Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Inglesa.

Aprovado em _____, de _____ de _____

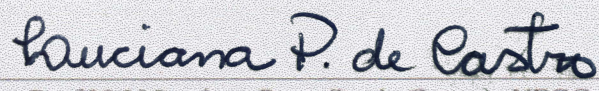
Banca Examinadora



Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Junior - UFCG
Orientador



Prof.^a Dr.^a Daise Lilian Fonseca Dias - UFCG
Examinadora



Prof.^a M.^a Luciana Parnaíba de Castro - UFCG
Examinadora

Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa - UFCG
Suplente

AGRADECIMENTOS

Nesta seção do Trabalho de Conclusão de Curso quero agradecer a todos que estiveram perto de mim, mesmo que não fisicamente, durante todos esses anos de curso e principalmente nesse momento em que estamos vivendo que está sendo tão difícil para todos nós. Me apoiando e assim me dando forças para seguir em frente com motivação mesmo em momentos que pensei que não seria capaz. Então, gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me dado sabedoria e força, sem Ele eu não conseguiria ir tão longe.

Não posso esquecer de agradecer a minha família, principalmente meus pais por sempre me apoiarem, por terem me ajudado a me manter durante esses anos mesmo passando por algumas dificuldades nesse caminho. E também por compreenderem a importância do meu processo de escrita. Agradecer meu irmão pelos conselhos e dicas dadas durante esses anos e durante meu processo de escrita. Dicas essas que foram bastante importantes para mim no início da minha pesquisa.

Todos os professores com quem estudei durante esse tempo foram importantes para meu desenvolvimento, então agradeço a todos que, mesmo que eu não notasse, me fizeram evoluir e entender que errar fazia parte, que eu estava ali justamente para aprender. Agradeço a professora Daise Dias que influenciou a escolha do tema do meu TCC quando levou para a sala de aula o assunto Teatro do Absurdo, o que acabou me levando até a Beat Generation. Agradeço ao professor Fabiane Gomes que também me ajudou bastante desmistificando coisas relacionadas ao Trabalho de Conclusão de Curso que, com certeza, me fez sentir mais segurança em seguir confiante com minha escrita.

Gostaria de agradecer ao meu orientador, o professor Nelson, primeiramente por ter aceito me orientar e acreditado no potencial da temática do meu TCC, mesmo sendo um tema não muito trabalhado, assim trazendo algumas limitações, mas mesmo sabendo disso ele acreditou no meu trabalho, às vezes mais do que eu. Também por ter me dado suporte para que tivesse tranquilidade, me dando dicas preciosas para a realização deste trabalho, trazendo seus conhecimentos para uma melhor fluidez e conexão na escrita.

Não posso deixar de agradecer meus colegas de classe que se tornaram meus amigos, pessoas que pretendo levar para minha vida, muito obrigado pelo apoio e por me ajudarem a sempre evoluir, seja me dando dicas ou me obrigando a conversar em inglês quando eu tinha vergonha, sem vocês eu também não teria chegado onde cheguei, aprendi muito com vocês e

sou bastante grato por isso. Um agradecimento especial para Izalfran, Lucas e Juliana por terem me ajudado com algumas dúvidas que surgiram no período de escrita deste trabalho.

E claro, meus amigos de longa data que sempre estiveram comigo, me apoiando e me lembrando de quem sou nos momentos complicados que passei durante esses anos, principalmente nesses últimos tempos onde as coisas ficaram mais incertas e confusas, escutando minhas reclamações e me aconselhando sempre que necessário. Muito obrigado! Vocês me ajudaram a me manter firme, focado e estimulado para seguir em frente nessa jornada cheias de altos e baixos.

Muito obrigado também a UFCG, não só pela vivência acadêmica, mas pelas muitas vivências sociais e culturais que tive na instituição, algo que agregou bastante no meu crescimento acadêmico e pessoal, fazendo com que eu tenha boas lembranças e orgulho de ter estudado nessa instituição.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como propósito apontar referências e citações relacionadas à *Beat Generation* dentro do trabalho musical e audiovisual da cantora norte-americana Lana Del Rey, especificamente no período onde a cantora divulgou o seu EP (Extended play) *Paradise*, EP sendo um projeto musical que não apresenta músicas o suficiente para ser considerado um álbum. A *Beat Generation* foi um movimento de contracultura que ocorreu nos EUA na década de 1950, tendo sua origem na literatura, mas utilizando-se da teoria da *Intermedialidade*, aplicada dentro da literatura, com Clüver (2007), mas principalmente com base nos estudos da pesquisadora Irina Rajewsky (2012) que subdivide a teoria em três subcategorias para facilitar as análises, veremos que esse movimento se espalhou e passou a fazer parte de outras artes. Para entender o que foi a *Beat Generation* utilizamos dos dados fornecidos por pesquisadores como Almeida (2007), Junior (2013) e Zhang (2013) que nos dá suporte para uma melhor compreensão da origem do movimento e suas influências. Sendo assim, utilizaremos o conceito de Rajewsky para analisar onde a *Beat Generation* está presente, de forma intermidiática, nas músicas e vídeos de *Del Rey*, principalmente no EP *Paradise* (2012), no curta-metragem para a canção *Ride* (2012) e no curta-metragem *Tropico* (2013), assim podendo provar que a *Geração* continua presente nos dias atuais e que é possível a utilização da literatura em música popular.

Palavras-chave: Beat Generation. Intermedialidade. Literatura. Música.

ABSTRACT

The objective of this monograph is to point out references and citations related to the Beat Generation within the musical and audiovisual work of the American singer Lana Del Rey, specifically in the period when the singer released her EP (Extended play) *Paradise*, an EP is a music project that doesn't feature enough songs to be considered an album. The Beat Generation was a countercultural movement that took place in the United States in the 1950s, originated in literature, but using the theory of intermediality, applied in literature, with Clüver (2007), but mainly based on studies by researcher Irina Rajewsky (2012), which subdivides theory into three subcategories to facilitate analysis, we will see that the movement spread and became part of other artistic movements. To understand what the Beat Generation was, we use data provided by researchers such as Almeida (2007), Junior (2013) and Zhang (2013), which gives us information for a better understanding of the origin of the movement and its influences. Therefore, we will use Rajewsky's concept to analyze where the Beat Generation is present, with its intermediality, in Del Rey's music and videos, mainly in the EP *Paradise* (2012), in the short film for the song *Ride* (2012) and in the short film -film *Tropico* (2013), thus proving that Generation is still present today and that it is possible to use literature in popular music.

Keywords: Beat Generation. Intermediality. Literature. Music.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Poster de "Com Amor, Van Gogh"	25
Figura 2: Poster de Howl.....	27
Figura 3: Poster de On The Road.....	27
Figura 4: Ensaio fotográfico para o álbum Born to Die.....	34
Figura 5: Cena do curta-metragem feito para a canção Ride.....	39
Figura 6: Maria.....	40
Figura 7: Adão e Eva.....	40
Figura 8: Marilyn Monroe, Jesus Cristo, Elvis Presley e John Wayne no Jardim do Éden.....	41
Figura 9: Lana como stripper.....	43
Figura 10: Lana e Shaun vestidos de preto.....	45
Figura 11: Lana e Shaun de branco.....	46
Figura 12: Lana e Shaun flutuando.....	46

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1 Beat Generation: O início e seus fundadores.....	11
1.1 Juventude Pós segunda guerra mundial.....	11
1.2 Aspectos da Beat Generation.....	13
1.2.1 A Escolha do Termo.....	15
1.2.2 Obras da época e suas polêmicas.....	16
1.2.3 A Beat Generation em outras mídias.....	19
2 Intermidialidade.....	22
2.1 O Que é Intermidialidade?.....	22
2.2 A Intermidialidade e suas subcategorias.....	23
2.2.1 Transposição Midiática.....	24
2.2.2 Combinação de Mídias.....	24
2.2.3 Referência Intermidiática.....	25
2.3 A Beat Generation e a Intermidialidade.....	26
2.3.1 No meio audiovisual.....	27
2.3.2 No meio musical.....	29
3 A Última Beatnik.....	32
3.1 Um pouco sobre Lana Del Rey.....	32
3.1.1 Lana Del Rey e sua relação com a década de 1950.....	34
3.2 A Era do EP Paradise.....	36
3.3 A Análise do curta Topico.....	39
3.3.1 1º Ato: Body Electric.....	40
3.3.2 2º Ato: Gods & Monsters.....	42
3.3.3 3º Ato: Bel Air.....	44
3.4 A canção Brooklyn Baby como confirmação das referências Beat.....	46
Considerações Finais.....	50
Referências.....	52

INTRODUÇÃO

A literatura, assim como qualquer outro tipo de forma de expressão artística, consegue transitar entre as plataformas midiáticas, o que a une a essas outras mídias em certo ponto e de certa maneira, e esse processo pode acabar criando uma nova mídia ou simplesmente fazer referência a uma outra já existente, mostrando assim que a arte é viva. A maneira como muitas vezes é apresentada ou trabalhada a literatura pode interferir na forma como a vemos, podendo dificultar o nosso entendimento do que ela é e a afastando da nossa realidade. Porém a mídia literária pode ser apresentada e trabalhada de maneira com que possamos vê-la de outras formas, possamos nos sentir mais próximos dela, assim fazendo com que nos sintamos mais à vontade para nos aprofundarmos neste oceano de possibilidades que é a literatura.

Como toda arte, a literatura pode se espelhar e ser espelhada em outras artes, pode fazer parte, ser referenciada ou referenciar outras mídias. Um exemplo claro é quando adaptamos um romance para que assim ele seja apresentado como um filme, prática comum hoje em dia, mas não é de hoje que isso acontece. Segundo uma matéria da Super Interessante, o primeiro registro de uma adaptação cinematográfica ocorreu quando o cinema ainda estava dando seus primeiros passos, foi em 1896 quando, através de um curta de vinte e dois segundos, recriaram uma cena do romance *Trilby* (1894) do escritor George du Maurier e desde então muitas adaptações já aconteceram. Outro exemplo de conexão da literatura com outras artes pode ser visto na música *Admirável Chip Novo* da cantora baiana Pitty, na qual o título faz clara referência ao romance distópico *Admirável Mundo Novo* (1932) de Aldous Huxley; um outro bom exemplo é o álbum *Animals* da banda Pink Floyd que foi baseado no romance *Revolução dos Bichos* (1945) do escritor inglês George Orwell.

Sabendo que é possível existir essas conexões não é difícil de imaginar que a literatura também possa se inspirar em outras artes. Então seria possível escritores e poetas escreverem suas obras inspirados, por exemplo, pela música? A resposta é sim, e foi justamente assim, na década de 1950, que um grupo de jovens inspirados pelo Jazz começaram a escrever seus poemas e romances e iniciaram um movimento de contracultura que logo seria conhecido como Beat Generation.

Essa geração de escritores e poetas da década de 1950 se inspiravam no ritmo do Jazz e traziam gírias desse meio para seu repertório literário e social. Melancólicos e sem perspectiva de futuro após a tragédia da segunda guerra, eles viviam nos subúrbios de Nova York procurando formas de se encaixar naquela sociedade que tentava se provar perfeita para o resto do mundo. Não demorou muito para que obras como “Howl” (1955) de Allen Ginsberg e *On*

the Road (1957) de Jack Kerouac viessem a público e assim, através de polêmicas e discussões, tornassem a Beat Generation popular entre a população norte-americana.

Os anos foram se passando e as marcas deixadas por essa geração foram se espalhando entre as outras mídias, passando pelo cinema em forma de adaptações ou até mesmo em representações da mentalidade Beat, tendo como grandes representantes os atores James Dean (1931-1955) e Marlon Brando (1924-2004), que representavam bem a mentalidade de parte juventude daquela época, com sua rebeldia, inconformismo, melancolia e a necessidade de se sentir livre. A música também não ficou de fora com o passar dos anos bandas e músicos passaram a ter como referência e inspiração a Beat Generation, se inspiravam nos seus ideais, nas suas obras, nos seus personagens e até nos próprios Beats¹. The Doors e Lou Reed são exemplos claros de músicos inspirados por aquela geração da década de 1950.

A Beat Generation ecoou nas gerações seguintes não ficou somente no século passado, hoje em dia ainda podemos ver vestígios dela, de sua literatura e de suas referências. Então, é imersa na cultura da década de 1950, no cinema, na música e na literatura da época que surge, em 2011, Lana Del Rey. A cantora norte-americana, que viveu a maior parte de sua vida em Nova York, traz dentro de seu acervo referencial elementos da cultura Beat, às vezes até de forma explícita, mostrando que é possível levar referências literárias para a música popular. Tendo como base os estudos da teórica Irina Rajewsky, utilizaremos do conceito da teoria de Intermidialidade, aplicada em estudos literários presente no ensaio *Intermedialidade, Intertextualidade e “Remediação: Uma perspectiva literária sobre a intermedialidade*, para realizar uma análise intermediária da presença da Beat Generation nas obras da Lana Del Rey.

A metodologia desse trabalho se classifica quanto à natureza como pesquisa básica e de abordagem qualitativa. No que se refere aos procedimentos metodológicos, foram utilizados a pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórica do trabalho e a pesquisa documental relacionada às análises feitas nas músicas e vídeos selecionados para esse trabalho. Foi necessária a pesquisa bibliográfica para coletar os dados referentes ao conceito de Intermidialidade em Rajewsky (2012), entender mais sobre a Beat Generation como por exemplo em Almeida (2007) e Holmes (1952) e entender um pouco sobre Existencialismo em Ewald (2008). No que compreende à pesquisa documental, a utilização está principalmente nas músicas do EP *Paradise* (2012), no curta-metragem feito para a música *Ride* (2012) e no curta-metragem *Tropico* (2013), todos dentro do mesmo projeto.

¹ Os escritores que faziam parte da beat generation

Justifico a escolha desse material pela maior conectividade com a Beat Generation, dentro dos aspectos líricos, estéticos e temáticos, trazendo referência não só a essa geração em si, mas também mostrando beber da mesma fonte que os Beats, assim aparentando ter uma conexão mais profunda com os seus conceitos.

1. BEAT GENERATION: O INÍCIO E SEUS FUNDADORES

Neste capítulo iremos falar sobre os acontecimentos históricos, sociais e culturais que antecederam e foram responsáveis pelo surgimento desse movimento social e cultural que aconteceu na década de 1950, a Beat Generation, movimento esse que encorajou a contracultura dos anos 1960. Também falaremos de sua repercussão em sua época, da popularidade, das controvérsias, de seus principais representantes e suas obras, e de como ela pode ter influenciado outros artistas de diferentes vertentes do mundo das artes, não somente dentro do mundo da literatura.

1.1 JUVENTUDE PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Na década de 1950 a situação financeira dos Estados Unidos estava se estabilizando novamente, a Segunda Guerra Mundial já havia terminado, a economia do país estava em sua melhor fase, o desemprego não era mais uma questão. Então essa parecia a hora certa, o momento propício de vender o famoso *American Way of Life*². O país viu a oportunidade de servir como exemplo de uma boa nação, uma terra pura, revigorada e, claro, rica. Sobre isso é possível afirmar que:

Entre 1945 e 1960, o produto interno bruto mais do que dobrou, crescendo de \$ 200 bilhões para mais de \$ 500 bilhões, dando início à “Idade de Ouro do Capitalismo Americano”. {...} As taxas de desemprego e inflação eram baixas e os salários altos. As pessoas da classe média tinham mais dinheiro para gastar do que nunca - e, como a variedade e a disponibilidade de bens de consumo se expandiram junto com a economia, eles também tinham mais coisas para comprar. (HISTORY, 2010, tradução minha)³

² É o estilo de vida americano que foi difundido após a Segunda Guerra Mundial e fortalecido após a Guerra fria. Tinha como principais características o nacionalismo, o liberalismo, o consumismo e a valorização do poder aquisitivo.

³ “Between 1945 and 1960, the gross national product more than doubled, growing from \$200 billion to more than \$500 billion, kicking off “the Golden Age of American Capitalism.” {...} Rates of unemployment and inflation were low, and wages were high. Middle-class people had more money to spend than ever—and, because the variety and availability of consumer goods expanded along with the economy, they also had more things to buy.”

Isso era, ou pelo menos deveria ter sido, o suficiente para deixar sua população satisfeita, mas os problemas daquela nação iam além de apenas financeiros ou de popularidade.

A grande maioria da população norte-americana estava animada, viam aquela situação como favorável, queriam ter filhos, pois tudo parecia promissor, todo esse entusiasmo trouxe o Postwar Booms⁴, que foi um período onde houve um grande número de nascimentos, cerca de 4 milhões de bebês nasceram a cada ano durante a década de 1950, pela razão de que tudo estava dando certo para o país e também para as famílias que no país moravam. Porém, apesar de um futuro estimulante, uma parcela não tão volumosa da juventude norte-americana não estava completamente contente com os rumos que aquele país estava tomando, e alguns desses jovens tiveram a audácia de deixar isso bem claro. Foi um período de choque entre gerações, de ideais, período onde alguns jovens de Nova York iniciaram o que viria a ser um dos mais importantes movimentos literários e culturais dos Estados Unidos, a Beat Generation.

Como a guerra já havia acabado e o futuro do país parecia promissor, o que se esperava era que todos os cidadãos estivessem animados com a situação dos Estados Unidos ou que pelo menos fingissem estar, mas alguns jovens Hipsters⁵, sendo esse um termo que surgiu no meio do jazz na década de 1940 que poderia denominar jovens, em sua grande maioria brancos e de classe média, que tentavam imitar o estilo de vida dos músicos de jazz que eles tinham como ídolos, claramente, ainda se mantinham inconformados, pois não haviam tido tempo de processar os horrores que tinham ocorrido na sangrenta e brutal Segunda Guerra, era impossível seguir em frente sem que passassem pelo luto, não tinham como fingir que nada tinha acontecido. Além disso, a tensão geopolítica entre os Estados Unidos e a União Soviética, que ficou conhecida como Guerra Fria, já tinha iniciado. Essas nações disputavam entre si, uma disputa entre Socialismo e Capitalismo com o intuito de ver qual potência influenciaria o resto do mundo. Era uma guerra silenciosa, mas não sabiam no que aquilo poderia se desenvolver e isso amedrontava a população, pois, definitivamente não estavam prontos para outra catástrofe.

Muitos dos soldados norte-americanos que sobreviveram à Segunda Guerra tiveram que voltar para suas vidas normais e para seus empregos, sem parar para que realmente pudessem pensar no que tinha acontecido. Então, dentro deste contexto, uma parte da juventude dos EUA não se via representada pela falsa felicidade e a enganosa perfeição americana, pois esse

⁴ O estrondo do pós-guerra. (tradução nossa)

⁵ Segundo o pequeno glossário presente no disco *Boogie Woogie In Blue* (1944) de Harry Gibson, o termo era utilizado para designar pessoas que curtem jazz.

estereótipo criado pelos próprios governantes do país não levava em consideração todo seu povo.

Os jovens estavam pessimistas, abalados e queriam ter o direito de expressar seus sofrimentos. Foi em meio a tudo isso que, dentro da subcultura Hipster, surgiu a ideia para uma espécie de contracultura. A juventude estava atrás de respostas, queria entender o que estava acontecendo, entender onde se encaixavam naquela sociedade puritana dos anos 1950. Buscaram respostas no existencialismo francês e no niilismo, se conectaram com a vida noturna, através do Jazz e das drogas, entre prostitutas e vagabundos. E foi assim que em dezesseis de novembro de 1952 a revista New York Times publica um artigo escrito por John Holmes intitulado *This Is The Beat Generation*⁶, pegando a população norte americana de surpresa. Mas afinal, do que se trata esse movimento? Esse é o momento de nos aprofundarmos um pouco mais nessa Geração⁷.

1.2 ASPECTOS DA BEAT GENERATION

O que podemos chamar de “o início de tudo” ocorreu um pouco antes dos anos de 1950. Era a década de 1940, há pouco tempo a Segunda Guerra Mundial tinha iniciado, as coisas estavam muito tensas, os jovens norte americanos e pais de família eram enviados para representar e proteger a honra do seu país, sem garantia alguma de que voltariam sãos e salvos para suas casas no fim de tudo. Era tudo incerto e essas incertezas causavam angústia em todos, principalmente nos jovens que mal tinham vivido. Tudo parecia não ter expectativa de melhora, já que os governantes dos EUA aparentavam tentar esconder o lado obscuro do seu país e foi nesse período que, segundo Almeida (2007), as histórias dos protagonistas desse movimento se cruzaram e então eles construíram fortes laços, pois tinham ideias de mundo muito similares.

Foi na Columbia University em Nova York que, em meados de 1944, o jovem tímido Allen Ginsberg iniciou, incentivado pelo seu pai, o curso de direito. Mas o que realmente o interessava era a literatura, ele gostava mesmo era de escrever poemas e isso o fez buscar por disciplinas presentes no curso de letras, e foi assim que ele acabou se tornando um aluno de um dos maiores críticos literários daquela época, Lionel Trilling, o que contribuiu bastante para sua formação. Foi nesse período de universidade que Ginsberg conheceu seu futuro parceiro de escrita e um dos ícones mais importantes do movimento, o jovem Jack Kerouac, que também estudou na Columbia. E, através de Kerouac, Allen conheceu William Burroughs e Neal

⁶ Essa é a Geração Beat

⁷ Referente à Beat Generation (Geração Beat)

Cassady, que, juntos, criaram uma forte ligação através de suas opiniões e do sentimento de revolução que existia dentro deles.

Nas noites suburbanas novaiorquinas esses jovens encontraram um lar, um lugar onde se sentiram livres, onde podiam extravasar suas emoções e experimentar novas sensações, novas experiências, algo que foi muito recorrente e bastante útil para desenvolver muitas das obras mais famosas dessa geração. O envolvimento com o Jazz⁸, que era um tipo de música popular na época, foi de grande importância no desenvolvimento da Beat Generation, não só no entendimento de ritmo, mas também como conceito de expressão artística.

Os jovens Beats liam bastante, e essas leituras serviram de inspiração para suas vidas e para a escrita de suas obras. Algo que, com toda certeza, influenciou aqueles rapazes foi o *Existencialismo*, essa sendo uma doutrina filosófica composta por um conjunto de ideias que foram formuladas na França no início do século XX, que teve influência nas ideias do filósofo dinamarquês *Sören Kierkegaard* (1813-1855). Alguns temas recorrentes em obras existencialistas eram angústia, ansiedade, morte e liberdade. Para os existencialistas a existência humana estava baseada nas angústias e no desespero. Ao fazer uma escolha, o indivíduo automaticamente excluía as outras opções e esse processo de escolha e perda causaria esses sentimentos. É possível dizer que:

O existencialismo é assim caracterizado, em primeiro lugar, pelo fato de questionar o modo de ser do homem; e, dado que entende esse modo de ser como modo de ser no mundo, caracteriza-se em segundo lugar pelo fato de questionar o próprio 'mundo', sem por isso pressupor o ser como já dado ou constituído. (ABBAGNANO, 1984, p.127)

Não é somente sobre a relação do homem com o mundo, mas também, e simultaneamente, a relação do mundo com o homem, em como ele se manifesta para o indivíduo e condiciona ou determina as suas possibilidades.

Essas temáticas existenciais eram bastante presentes na vida daqueles indivíduos, o momento histórico favorecia esse tipo de ideologia. Eram jovens de diferentes classes sociais e crenças diversas que viam o futuro como algo mais incerto do que realmente deveria ser, tudo parecia frio e sem vida para eles, não viam outra solução imediata a não ser as que já estavam tomando. O existencialismo os confortava e era disso que eles precisavam no momento.

Outra doutrina filosófica que também influenciou esses escritores foi o Niilismo. Esse termo deriva do latim nihil, que significa “nada”. Sendo assim o significado do termo revela

⁸ Um estilo musical que surgiu em comunidades de New Orleans, nos Estados Unidos, no fim do século XIX.

um dos principais conceitos dessa doutrina, o fascínio pelo nada. Uma das principais características do Niilismo é a visão cética radical em relação à forma de interpretar a realidade, onde valores, convicções e crenças são aniquilados. O filósofo prussiano Friedrich Nietzsche (1844-1900) é considerado um dos precursores no campo do conhecimento dessa doutrina.

Apesar do Niilismo ter influenciado a Beat Generation, nem todos os que participavam dela eram necessariamente céticos, alguns tinham suas crenças. Inclusive, algo que viria a ser muito comum nas obras desses jovens era utilização de elementos religiosos para expressar seus sentimentos, passou a ser comum também misturar o sagrado com o profano, o espiritual com o mundano, o puro com o promíscuo. “A oscilação entre polos, do mantra ao sexo explícito, do sagrado ao profano, do espiritual ao material, é típico da beat e especialmente característica de Ginsberg. Faz parte da sua religiosidade transgressiva.” (Grupo de Pesquisa: Diálogos Literários, Literatura norte-americana do século XX: A Geração Beat, seus precursores e seguidores. 2020, P. 4)

O Surrealismo pode ser considerado um dos conceitos presentes no catálogo referencial da Beat Generation, assim como os transcendentalistas norte-americanos também foram. O poeta Walt Whitman (1819-1892), considerado o pai do verso livre, também influenciou aquela geração, principalmente com o poema “I Sing the Body Electric”. O jovem Allen Ginsberg era grande fã das obras de Whitman, e é possível notar um pouco dele nas obras do poeta Beat.

1.2.1 A escolha do termo

O termo Beat Generation surgiu em uma conversa entre Jack Kerouac e John Holmes em 1948, quando estavam procurando nomear esse novo movimento de jovens anti-conformistas⁹ de Nova York. A palavra “beat” era uma gíria bastante usada no submundo do Jazz e tinha uma conotação negativa, podendo significar “abatido” ou “cansado” (*Man I’m beat*)¹⁰, mas também possuía um sentido musical, ritmo, batida musical. Porém, eles decidiram que “beat” teria uma conotação mais positiva, como beatífico¹¹ que sugere algo mais otimista. Segundo Almeida (2007, p. 9) citando as palavras de Holmes:

As origens da palavra 'beat' são obscuras, mas o seu significado é muito claro para a maioria dos americanos. Muito além de cansaço, implica o sentimento de ter sido usado, de estar desgastado. Envolve uma pureza da mente, e finalmente da alma; um sentimento de ser reduzido aos fundamentos da consciência. Resumindo, significa ser facilmente forçado a sua própria

⁹ Pessoas que se opõe a ordens preestabelecidas.

¹⁰ Cara, eu estou cansado

¹¹ Aquilo que torna feliz, bem-aventurado.

essência. Um homem é beat quando ele vai falido arriscar todos os seus recursos em um só número; e a geração dos jovens tem feito isso continuamente desde cedo. (Uma Geração em debate: Beats ou Beatniks?, 2007)

Houve a tentativa de fazer um paralelo entre a Geração Beat com a Geração Perdida que aconteceu depois da Primeira Guerra Mundial. Essa comparação vem do fato de que ambas as gerações enfatizam a desilusão com o mundo, e na opinião de Holmes, nada mais interessava aqueles escritores da década de 1920. Porém, apesar das semelhanças, há também as suas diferenças, pois a *Beat Generation* não tinha aquele clima de luto bastante presente na geração anterior. Não procuravam saber o porquê viver, mas sim como viver, a procura por sexo e drogas não estava relacionada à desilusão em relação ao mundo, era mais sobre a curiosidade do que qualquer outra coisa. Na década de 1920 a sociedade se ocupava pela falta da fé, já na década de 1950 a sociedade estava em sua busca.

Apesar de ter sido criado em 1948, o termo Beat Generation só veio a público anos depois, em 1952, no artigo escrito por John Holmes para a New York Times chamado *This Is The Beat Generation*, no qual falava sobre o movimento que estava surgindo entre os jovens americanos dos anos 50, do qual ele fazia parte. Até então ninguém tinha ouvido falar nada sobre, não haviam obras que pudessem ser relacionadas a esse movimento. Mas nos anos que se seguiram, a geração passou a ter mais destaque e conseguiu chamar a atenção dos americanos, em sua maior parte de forma negativa, pois suas opiniões e conceitos eram controversos demais para aquela sociedade.

A geração Beat é geralmente explicada como um movimento literário e social dos anos de 1950 que tinha como seus adeptos os artistas boêmios de parte de Nova York e de São Francisco. Inclusive, esses jovens novaiorquinos só se encontraram dentro da sua escrita, só encontraram uma maneira satisfatória de se expressar através da escrita com os escritores de São Francisco, pois São Francisco, desde de década de 1940, era conhecida como o centro de poesia alternativa, então foi nessa cidade que poetas como Ginsberg encontraram o ambiente propício para suas ideias.

1.2.2 Obras da época e suas polêmicas

Do fim da década de 1940 e início da de 1950, aos poucos, o assunto Beat Generation foi se tornando cada vez mais comentado pela população americana. Muitos não entendiam do que se tratava, outros se identificavam e, com o passar do tempo, todo comportamento jovem passou a ser associado a essa nova geração. Os cidadãos mais velhos eram conservadores, aquela

maneira jovem de se comportar e viver a vida não os deixaram nada satisfeitos. Porém tudo ficou mais tenso quando, na metade da década de 1950 surgiu o poema “Howl”¹².

Foi em meados de 1955 que Ginsberg lançou seu poema mais famoso “Howl”, onde relatava uma América apocalíptica onde ele condena os prazeres superficiais e materialistas daquela sociedade capitalista. A obra trazia um linguajar popular e, segundo Holmes, era um poema longo, desordenado e brilhante e que continha experiências jamais reveladas em poemas antes. Mas não foi exatamente a temática distópica¹³ do poema que chamou a atenção dos conservadores, mas sim a forma que o poeta escolheu para se expressar e foi justamente isso que o fez ser levado a julgamento por obscenidade.

Mas, ao contrário do que muitos pensavam, ser levado ao tribunal não trouxe impactos negativos para o poema de Ginsberg, pelo contrário, deu bastante publicidade para o autor, fazendo com que o livro do qual o poema fazia parte fosse um dos livros de poesia mais vendidos de todos os tempos. Dessa forma a Beat Generation ganhou mais notoriedade, as pessoas queriam saber o que era e quem eram essas pessoas que faziam parte dela, como diz Almeida (2007, p. 4) “O livro foi processado por pornografia, e quando o julgamento, que fora amplamente noticiado pela mídia, terminou com o juiz declarando o livro legal, suas vendas dispararam.”

Alguns anos depois, em 1957, foi lançada a obra que é considerada como a bíblia da Beat Generation, o romance *On the Road*¹⁴ do escritor Jack Kerouac amigo pessoal de Ginsberg. Esse livro trazia uma forma inovadora de escrita, através da fluidez da mente, e possuía dois importantes aspectos da tradição literária americana, sendo eles a estrada e o Oeste. O romance é, de certa forma, autobiográfico, pois os personagens *Sal Paradise* e *Dean Moriarty* são inspirados respectivamente em Kerouac e no seu amigo *Neal Cassady*. O livro relata as viagens que os personagens fizeram através dos Estados Unidos e México, relatando suas aventuras e perrengues nessa jornada. A escrita é livre e sem regras, sem se preocupar muito com ordem ou pontuação, e todo o conteúdo da narrativa acaba fortalecendo a ideia do jovem rebelde como outsider. A partir disso a Beat Generation, como um movimento literário, agora já estava firmemente estabelecida com a repercussão do livro de poemas de Ginsberg e do romance de Kerouac. Conforme Almeida

¹² Uivo.

¹³ O oposto de utopia, algo negativo, catastrófico.

¹⁴ Na Estrada

Desde o lançamento de *On the Road*, em 1957, até 1960 o tema ocupou lugares destacados nas páginas dos impressos americanos, onde antropólogos, psiquiatras, políticos, jornalistas e críticos literários, além dos próprios escritores Beat emitiam seus discursos e divulgavam seus estudos. (ALMEIDA, 2007, p. 6)

O outsider seria o indivíduo que não se enquadra nos moldes da sociedade, que não se sente pertencente aquele lugar ou a lugar nenhum. Esses jovens preferiam viver à margem da sociedade onde não precisavam conviver em meio à hipocrisia capitalista. Jack Kerouac conseguiu transmitir isso na sua obra fazendo com que isso se tornasse uma característica do movimento, o jovem era rebelde e tinha suas questões internas para ser, o externo influenciou isso.

On the Road, que hoje é considerado como um clássico da contracultura americana, chamou, novamente, a atenção do público tanto para o autor quanto para o movimento, algo que “Howl” tinha feito anteriormente, mas agora as coisas pareciam mais concretas, ninguém mais podia negar que a Beat Generation estava realmente acontecendo. Além de Kerouac e Ginsberg, outros autores como Burroughs, Snyder, Corso, Ferlinghetti e Salinger espalharam as ideias e conceitos do movimento, como a liberdade de criação e de expressão, da forma mais honesta e crua de expressar os seus sentimentos, algo que fugia totalmente dos padrões literários daquela época, o que agradava alguns e desagradava outros.

Muitas pessoas passaram a dar opinião sobre o movimento e o que ele representava, mães e pais de família não concordavam com aquelas atitudes e modo de pensar, não acreditavam na generalização da ideia, muitos diziam que eram apenas cabeças confusas de jovens novaiorquinos, que não podiam dizer que todos os jovens americanos tinham essa mesma mentalidade. Algumas mães se manifestavam, como relata Almeida

Mãe de duas moças, Taylor Caldwell pensa que a imagem que Holmes traça para a juventude pós-guerra era inteiramente falaciosa. Miss Caldwell desqualifica os argumentos de Holmes por ele ser “um nova-iorquino” e não ter nenhum contato com a realidade do resto do país. Ao contrário dela, que além de receber cartas de jovens dos EUA inteiro viaja extensivamente por toda a nação. Para ela, seus genros – “dois ótimos rapazes um de 36 e o outro de 28” – não se parecem em nada com os jovens retratados por Holmes: “Qualquer conexão entre eles e as criaturas que ele descreve é inexistente. Mas, é claro, esses garotos não são nova-iorquinos”. (ALMEIDA, 2007, p. 10)

Críticos literários frequentemente questionavam a qualidade daquelas obras, alguns gostavam da inovação outros não viam nenhum valor literário nos textos.

O movimento Beat passou a ser uma ameaça para a família tradicional, para os velhos costumes de uma nação que agora tinha holofotes no seu estilo de vida, economia, cultura, estavam em evidência, então faziam de tudo para impedir que aquelas ideias se espalhassem ou

que representassem o povo norte-americano, pois isso traria, segundo os conservadores, uma visão negativa dos americanos. Mas isso não impediu que o assunto se espalhasse e despertasse a curiosidade de muitos, principalmente dos jovens.

Um debate bastante recorrente entre os próprios Beat na época, era sobre quem fazia parte dessa geração. Kerouac acreditava que poderia ser dividido em duas fases onde eles, Kerouac e seus amigos, eram os originais e os outros que surgiram depois seriam seus “seguidores”. Foi a partir daí que surgiu o termo Beatnik, que em sua origem tinha intenção de ser pejorativo descrevendo e representando a Beat Generation de forma estereotipada divulgando isso na TV e nos jornais com o intuito de ridicularizar os Beat. A origem do sufixo “nik” pode ser atribuída ao primeiro satélite artificial a ser posto em órbita, o Sputnik, um satélite russo, dessa forma fazendo uma associação da Rússia com os Beats, o que, levando em consideração que a Guerra Fria já estava acontecendo e era bem recente, fazia com que os Beats fossem vistos como inimigos da pátria. Com o passar dos anos, do fim da década de 1950 e no início da próxima, mesmo que de forma estereotipada com intenção de ridicularizar o movimento, esse tipo de divulgação em mídias provocou certa identificação por parte de muitos jovens, isso ajudou a espalhar a temática, e o termo Beatnik passou a ser associado aos seguidores do movimento Beat, assim como se fossem os “novos Beats”.

1.2.3 A Beat Generation em outras mídias

Apesar de muitas vezes a *Beat Generation* ser considerada só como um movimento literário, essa geração não foi exclusivamente isso. Claro que é, também, uma revolução literária, mas é mais do que isso, era um estilo de vida e ia além da literatura. As ideias do que seria a nova juventude americana foi representada em outras plataformas artísticas, um exemplo claro é o cinema, pois Hollywood¹⁵ se interessou pela temática, e antes mesmo das publicações dos textos famosos que divulgaram o movimento, lançou filmes que apresentavam o tema. Em 1953 foi lançado um dos filmes que representa a nova mentalidade dos anos 1950, o filme chamado *The Wild One*¹⁶ tinha o ator Marlon Brando interpretando o protagonista, o líder de uma gangue de motociclistas, um jovem rebelde. O filme ficou conhecido como uns dos primeiros a tratar desse tipo de gangue e também Brando e sua jaqueta de couro tornaram-se ícones culturais da década de 1950.

¹⁵ Um distrito da cidade de Los Angeles que é mundialmente conhecido pela concentração de empresas que trabalham com cinema.

¹⁶ O Selvagem.

Dois anos após o lançamento de *The Wild One*, em 1955, outro filme com a temática jovem foi parar nas telonas. *Rebel Without a Cause*¹⁷ tinha como protagonista o ator James Dean, que interpretava um jovem problemático que causava problemas e se envolvia em conflitos. Esse filme também obteve bastante sucesso, principalmente entre os jovens da época que cada vez mais se identificavam com tudo aquilo.

Para Holmes, James Dean era o ícone da geração, assim como nos anos de 1930 o ator Claus Gable (1901-1960) era, porém com diferenças, pois Dean não era um homem viril ou exemplar “mas sim o jovem melancólico e ansioso capaz apenas de olhar para as pessoas mais velhas através de um abismo que os separa.” (ALMEIDA, 2007, p. 13) Brandon e Dean representaram muito bem a angústia e a rebeldia do jovem da década de 50, seus filmes mostravam a família tradicional americana como não funcional, onde existia um abismo entre os ideais dos jovens e os ideais dos mais velhos.

A Beat Generation foi, de certa forma, o que influenciou o desenvolvimento de uma nova forma de interpretar nas telonas, um novo modelo interpretação do jovem americano no cinema que ficou conhecido como “Method Act”. Esse método de atuação ensinado no New York’s Actors Studio consistia em orientar os atores a encontrar o núcleo do personagem, tinham que se conectar com a alma do personagem antes de qualquer coisa, a partir disso o restante dos aspectos seriam desenvolvidos. Esses filmes não eram somente sobre os jovens, mas para os jovens, então existia a necessidade de mostrar mais a profundidade, as questões internas, para que a juventude pudesse se identificar.

Até os próprios Beat se aventuraram no mundo cinematográfico, no ano de 1959 Kerouac, Ginsberg e alguns de seus amigos artistas lançaram um curta-metragem chamado “Pull My Daisy”, curta esse narrado por Jack Kerouac e estrelado por Allen Ginsberg e seus amigos. A história, que é uma adaptação da peça chamada *Beat Generation* que foi escrita pelo próprio Kerouac, é baseada em fatos que ocorreram na vida do Beat Neal Cassady e sua esposa Carolyn. O curta-metragem conta a história de um guarda-freios e sua esposa, quando certo dia a esposa convida um respeitado bispo para um jantar, porém os amigos boêmios do guarda-freios acabam estragando tudo de uma forma cômica. A peça não foi publicada na época, mas foi encontrada em 2005 e enfim publicada em seguida.

Não foi somente o cinema que foi influenciado pela temática, a música também participou desse movimento e foi bastante importante para ele, pois como citado anteriormente, até o nome

¹⁷ Rebelde Sem Causa ou Juventude Transviada (tradução brasileira para o filme)

do movimento tem relação com a música. A década de 1950 é musicalmente conhecida pela popularização do Rock 'N Roll, que passou a ser o novo som jovem, tendo Elvis Presley como seu maior representante, algo que, como já era de se esperar, incomodou os conservadores, pois além da sonoridade em si, Elvis foi acusado de imoralidade pelo fato de rebolar o seu quadril.

A poesia e a música sempre andam juntas e na Beat Generation não seria diferente, aliás nela a ligação ficou mais próxima. Desde o período literário do romantismo não se via uma relação tão próxima entre a música e a literatura, pois “A beat foi sonora. Tem discografia, e não só bibliografia.” (Grupo de Pesquisa: Diálogos Literários, Literatura norte-americana do século XX: A Geração Beat, seus precursores e seguidores. 2020, P. 3). O Jazz influenciou e esteve bastante presente no desenvolvimento do movimento, mas foi no Rock que surgiu nos anos 1950 que a temática rebelde passou a estar presente, muitas bandas e cantores nos anos seguintes usavam a Beat Generation como fonte de inspiração nas suas letras e melodias.

The Beatles foi uma banda que tentou captar um pouco da essência Beat nas suas músicas, os integrantes da banda tinham uma relação de amizade com William S. Burroughs um dos Beats originais, fundadores desse movimento, por isso em 1967 o escritor foi convidado para participar da capa do álbum da banda. Outro artista que tem como a Beat Generation uma fonte de inspiração era o cantor e compositor Bob Dylan. O cantor também possuía uma relação de amizade com os escritores daquela geração, inclusive é possível considerar Dylan como um Beatnik, pois além de utilizar das temáticas ligadas diretamente às ideias de contracultura, fortemente presentes na Beat Generation, em suas músicas, ele também escreveu, em 1966, um livro de ficção chamado *Tarantula*¹⁸, obra essa que foi lançada em 1971 e tinha um conteúdo considerado nonsense¹⁹, algo que poderia ser comparado com a obra *On the Road* de Jack Kerouac.

A Beat Generation ecoou em outras plataformas artísticas e não só obras originais com influências nela foram lançadas, mas adaptações também passaram a ser feitas a partir de obras aclamadas dessa geração. Citações, recortes, referências estão presentes em outras narrativas, filmes, músicas, e é através da Intermidialidade que isso acontece, é ela que faz isso se tornar possível.

¹⁸ Tarântula

¹⁹ Algo absurdo, desprovido de sentido ou coerência

2. INTERMIDIALIDADE

Nesse capítulo será abordada a teoria da Intermidialidade, dentro de uma perspectiva que se alinha principalmente com o ponto de vista dos estudos de Irina O. Rajewsky e assim entender como ela se aplica com a Beat Generation, como através dessa teoria, o movimento *Beat* se espalhou durante as décadas seguintes em diversas plataformas midiáticas, fazendo com que continue presente até nos dias atuais.

2.1 O QUE É INTERMIDIALIDADE?

Como foi já citado anteriormente, a Geração Beat não se limitou única e exclusivamente à literatura, ela quebrou as barreiras literárias e foi além, passando a fazer parte de outras mídias, pois, além de influenciar culturalmente os jovens americanos, escritores e músicos dos anos 1960 com seus conceitos de vida, sua intensidade e liberdade criativa, as obras dos Beats também passaram a ter sua influência em outros meios de expressão, saindo da escrita e indo para o meio audiovisual²⁰, levando para outro tipo de público as mensagens e os ideais expressos em sua literatura. Porém, além disso, suas obras acabaram passando por transições, foram introduzidas em outras mídias, algumas vezes de forma mais clara e explícita, outras vezes nem tanto, e esse fenômeno pode ser analisado com o auxílio da intermidialidade.

A intermidialidade é uma teoria que surgiu na Alemanha, que promove uma análise das conexões entre mídias, que pode se referir aos variados tipos de relação entre duas ou mais artes, um fenômeno que acontece entre o encontro de duas ou mais mídias que formam outra obra distinta ou nem tão distinta, é o cruzamento de plataformas de expressão artística. Apesar de ser uma teoria relativamente nova, desde os anos 1990 já possui um relativo desenvolvimento e vem tendo seu reconhecimento internacional visível, principalmente em artigos em língua inglesa na área de Estudos Interartes, campo de estudo esse em que o termo *intermidialidade* por muito tempo foi deixado de lado, mas que agora está tendo a sua devida atenção.

Muito do que é estudado e tratado pela dominação de *intemidialidade* não é tão novidade, pois estudos anteriores já tratavam de analisar esses fenômenos, como o próprio Estudos Interartes. Porém a diferença é que com a chegada das mídias digitais e eletrônicas, alguns problemas surgiram, problemas esses que os estudos tradicionais já não podiam resolver, então

²⁰ “{...} mídia audiovisual diz respeito a todo meio de comunicação em que há a utilização conjunta de elementos visuais (imagens, fotografias, desenhos, gráficos, esquemas, etc.) e sonoros (música, voz, efeitos sonoros, etc.), em outras palavras, uma mídia audiovisual é toda aquela que pode ser vista e ouvida ao mesmo tempo.”

foi nessas condições que as portas foram abertas para essa “nova” teoria, que além de trazer mais soluções do que problemas, pois poderia deixar o conceito mais confuso e complexo, ela também pode ser aplicada de forma mais ampla, assim “abrindo possibilidades para relacionar uma variedade maior de disciplinas e para desenvolver teorias de intermedialidade gerais, relevantes em seu aspecto transmidiático.” (RAJEWSKY, 2012, p. 16)

Ela não é uma teoria unificada, pois apresenta variadas formas, de acordo com os propósitos das diferentes disciplinas, como os Estudos Literários, Estudos da Mídia, Estudo de Cinema, História da Arte e Sociologia. Cada área possui uma diferente abordagem e perspectiva onde se pode trabalhar com mais exatidão de acordo com o campo do conhecimento em questão. Com o passar do tempo muitos termos relacionados foram surgindo para especificar as formas de trabalho dessa teoria, como por exemplo: multimídia, hibridização, convergência midiática etc. Isso com certeza trouxe benefícios dentro dos estudos, mas também pode deixar confuso, então, para Rajewsky (2012, p. 17) “{...} torna-se necessário definir mais precisamente a compreensão particular de *intermedialidade*, bem como situar cada abordagem individual dentro de um espectro mais amplo {...} [grifos da autora]”. Então, conforme veremos a seguir a autora decidiu especificar a sua própria concepção de intermedialidade, baseada nos Estudos Literários.

2.2 A INTERMIDIALIDADE E SUAS SUBCATEGORIAS

Segundo Rajewsky (2012, p. 22) “Nos Estudos Literários, e também em estudos como História da Arte, Música, Teatro e Estudos de Cinema, existe um foco recorrente numa enorme quantidade de fenômenos qualificados como intermidiáticos.” isso inclui fenômenos que antes possuíam outras maneiras de serem designados, chamados por termos diferentes, como por exemplo: escrita cinematográfica, musicalização da literatura, romantização²¹, etc. A autora declara que

Sem dúvida todos esses fenômenos têm algo a ver, de alguma maneira, com o cruzamento das fronteiras entre as mídias, caracterizando-se então por uma qualidade de intermedialidade em sentido amplo. (RAJEWSKY, 2012, p. 22)

Então, a autora decidiu dividir a teoria em 3 subcategorias para que assim seja possível especificar mais claramente os tipos de cruzamentos midiáticos que podem acontecer dentro das manifestações artísticas, pois, segundo Rajewsky

Para o uso da intermedialidade como categoria para a descrição e análise de fenômenos particulares ser produtivo, nós deveríamos, portanto, distinguir grupos de fenômenos

²¹ Quando um filme é transformado em romance

de modo que cada um exiba uma qualidade intermediária distinta. (RAJEWSKY, 2012, p. 22)

A abordagem que Rajewsky apresenta traz essa divisão como complemento para o segundo polo que compõe o debate dessa teoria, e as propostas dela com essa divisão da intermedialidade em subcategorias são claras, em seu ensaio ela explica

focalizo a intermedialidade como uma categoria para a análise concreta de textos ou de outros tipos de produtos das mídias. {...} eu me concentro nas configurações midiáticas concretas e em suas qualidades intermediárias específicas. (RAJEWSKY, 2012, p. 23)

Sabendo disso, vamos conhecer essas subcategorias criadas pela autora que ajudam na especificação de cada fenômeno midiático.

2.2.1 Transposição Midiática

A primeira delas é a Transposição Midiática que se trata de obras de uma mídia que são transportadas para outra. Essas mídias são as plataformas artísticas e culturais, como a literatura, a música e o cinema. Dessa forma, na Transposição Midiática, a obra de uma plataforma passa também a fazer parte de outra, de uma forma que, geralmente, fica explícita essa transposição, mas claro, levando em consideração que cada mídia tem o seu foco e sua forma de expressar, o que inevitavelmente acaba afetando o resultado final, onde o foco muitas vezes pode mudar um pouco.

Um exemplo claro de Transposição Midiática é a adaptação cinematográfica, onde, por exemplo, uma obra do mundo literário é transportada para o mundo cinematográfico. Porém, mesmo se tratando da mesma obra, um romance por exemplo, esse processo de transição, saindo da literatura e indo para o cinema, acaba modificando a forma e, possivelmente, um pouco do conteúdo para que então assim possa se encaixar mais facilmente nessa nova mídia. Então é possível afirmar que essa categoria é uma concepção de "genética", onde as obras originais, sendo elas, por exemplo, textos literários, são a "fonte" da nova obra, a "fonte" do filme.

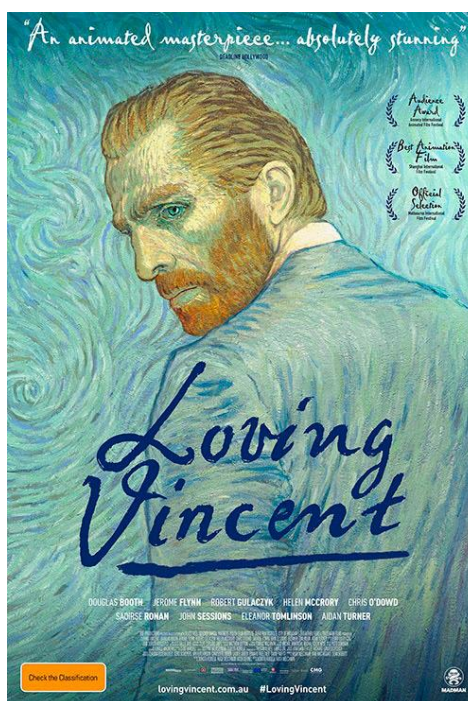
2.2.2 Combinação de Mídias

A segunda subcategoria é a Combinação de Mídias, que também pode ser chamada de mixmídias, configurações multimídias ou intermídias. Como o próprio nome diz, essa forma de intermedialidade está ligada às combinações de duas ou mais mídias, sendo elas distintas, onde o resultado é uma nova plataforma midiática. Diferente da subcategoria anterior, essa está diretamente ligada às mídias em si e não às obras presentes nelas. É possível citar vários exemplos desse fenômeno, um deles é a ópera, que é nada mais nada menos que a junção do

teatro, e tudo o que dele faz parte, da música e, em alguns casos, da dança. A ópera, termo que teve sua origem do latim "opus" que significa "obra", é um gênero teatral no qual é dispensada as falas, pois os diálogos são cantados, ou seja, o texto vem através da música. Algo que se assemelha à ópera é o teatro musical, porém, além da música, também existe a utilização de falas.

Outro exemplo de Combinação de Mídias são os quadrinhos, pois além de apresentarem textos, apresentam desenhos, imagens que acompanham o que está escrito, onde as duas mídias se complementam. O cinema em si pode ser considerado como intermídias, ele pode incluir elementos de várias outras mídias, inclusive até da pintura como no filme "Com Amor, Van Gogh" (2017), que usou uma técnica de animação que deixa a imagem semelhante a pinturas a óleo, seguindo o estilo do homenageado do filme.

Figura 1: Poster de "Com Amor, Van Gogh"



Fonte: Crítica (non)sense da 7Arte

2.2.3 Referência Intermidiática

A terceira e última subcategoria que, segundo Rajewsky, se divide a intermedialidade é a Referência Intermidiática, que é quando uma mídia se refere a outra usufruindo de aspectos dela, onde na maioria das vezes fica claro de onde surgiu referência. Esse tópico pode ser dividido em dois, pois a Referência Intermidiática pode aparecer de duas formas, então, para uma melhor compreensão iremos dividir essas subcategoria em duas e a primeira delas podemos chamar de referência intermidiática geral que é quando uma mídia faz referência à outra,

pegando características dela e trazendo para si, onde o que está sendo referenciado é a plataforma midiática em si. Quando, por exemplo, um pintor faz sua obra tentando deixá-la semelhante a uma fotografia, ou quando um fotógrafo edita uma foto para que se assemelhe com uma pintura. O filme “Com Amor, Van Gogh”, já citado anteriormente, se encaixa perfeitamente nessa subcategoria, pois traz as características de uma pintura para o cinema. Também pode se dar como exemplo quando um escritor tenta levar técnicas do cinema para sua obra literária, como o corte e montagem de cenas, o zoom, o que com certeza facilita na hora de uma adaptação cinematográfica.

A segunda forma que essa categoria pode aparecer podemos nomear de referência intermediária específica, que é quando uma mídia referencia outra, mas nesse caso é escolhida uma obra específica para fazer isso, ou seja, quando uma obra faz referência a outra obra de uma mídia diferente. Podemos usar como exemplo a música Mad Hatter²² da cantora norte-americana Melanie Martinez, onde ela faz referência à obra de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*.²³ O título da música já se refere ao nome de um dos personagens da obra e uma das partes da canção que mais vemos proximidade com o romance de Carroll é no trecho onde Melanie canta:

Mad Hatter²⁴ (Melanie Martinez, 2015, tradução minha)

1. Te digo um segredo, não estou alarmada
2. E daí se sou louca? As melhores pessoas são
3. Todas as melhores pessoas são loucas
4. Todas as melhores pessoas são

Esse trecho da canção da cantora é bastante similar com um trecho de uma das falas da personagem Alice presente no livro. Esse tipo de intermedialidade é bastante comum em músicas, onde falas de personagens do cinema e de personagens literários, trechos de poemas, etc., são adicionados na letra da canção.

2.3 A BEAT GENERATION E A INTERMIDIALIDADE

²² Chapeleiro Maluco

²³ Alice's Adventures in Wonderland

²⁴ “Tell you a secret, I'm not alarmed
So what if I'm crazy? The best people are
All the best people are crazy
All the best people are”

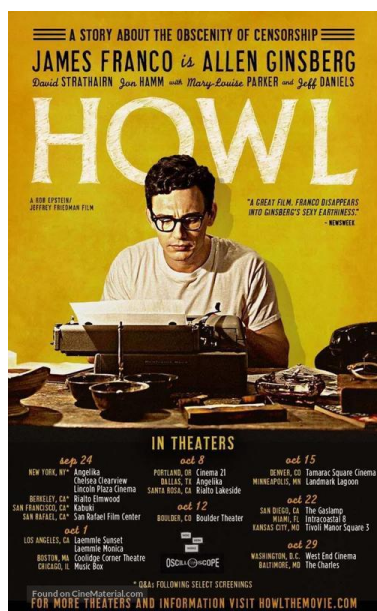
Havendo compreendido o que é intermedialidade na visão da autora Irina Rajewsky e entendido como ela pode ser dividida, podemos então chegar no ponto principal deste capítulo, que é enxergar por meio dessa forma de análise onde as obras e conceitos da Beat Generation foram retomados nos anos seguintes após seu auge.

2.3.1 No meio audiovisual

Assim como muitas obras literárias, as obras dos *Beats* também tiveram suas adaptações cinematográficas. O livro de poesia mais famoso daquela geração, “Howl”, escrito por Allen Ginsberg teve sua adaptação para o cinema em 2010, estrelado por James Franco, o filme tenta mostrar o que se passava na vida do autor na época em que ele escreveu a obra, tenta mostrar como tudo aconteceu, todas as polêmicas e no meio disso o poema é citado enquanto uma animação tenta representar de uma forma abstrata o que está sendo dito.

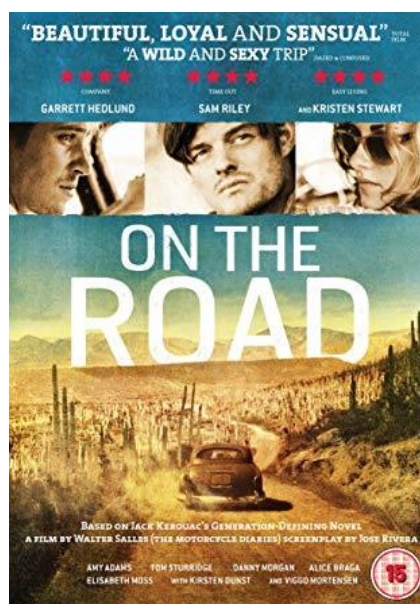
A obra mais conhecida do movimento, *On the Road*, também teve sua transposição intermediária, o romance que é conhecida como a bíblia da Beat Generation teve sua adaptação para o cinema em 2012 e foi estrelado por Kristen Stewart como Marylou, Garrett Hedlund como Dean Moriarty e Sam Riley como Sal Paradise, onde foi possível ver as aventuras dos personagens viajando para o oeste dos EUA.

Figura 2: Poster de Howl



Fonte: CineMaterial

Figura 3: Poster de On The Road



Fonte: OnTheRoad-TheMovie.com

Os próprios Beats, como citado anteriormente, transformaram seus escritos em uma obra audiovisual, quando em 1959 Kerouac decidiu adaptar uma de suas peças, e com ajuda de seus amigos, entre eles o próprio Ginsberg, transformando no curta-metragem chamado Pull My

Daisy. Outra adaptação popular da Beat Generation é da obra *Big Sur*, também escrita por Jack Kerouac publicado em 1962, conta a história baseada na vida do autor, fala exatamente do período no qual o autor estava exilado na cabana de seu amigo e companheiro de movimento Lawrence Ferlinghetti na Califórnia, e a adaptação referida aqui teve sua estreia em 2013 e contou com o ator francês Jean-Marc Barr para interpretar Kerouac. Esse são bons exemplos onde a Beat Generation é vista de uma forma intermediária, e esses exemplos se encaixam na Transposição Midiática.

Além das adaptações cinematográficas, os Beats estiveram presentes em outras obras de maneira diferente, onde não eram suas obras que estavam sendo utilizadas, mas sim a essência e a estética dos escritores beat, a referência vinha dos que faziam parte da Beat Generation, seus criadores e seguidores, mas isso não significava que, necessariamente, iriam representá-los de uma forma que fosse condizente com a realidade, mas sim da maneira que queriam mostrar o movimento para os norte-americanos, como enxergavam os Beats, muitas vezes de forma pejorativa e caricata.

Então foi assim que representações dessa geração começaram a aparecer na TV. A série da CBS²⁵ *The Many Loves of Dobie Gillis*²⁶ (1959-1963) é conhecida por ser o primeiro programa de televisão a ter adolescentes como protagonistas e tinha entre eles um que representava os Beatniks, sendo assim o primeiro programa de televisão a ter um personagem da Geração, porém, de uma maneira bem estereotipada. Então era Maynard G. Krebs, um jovem preguiçoso, pateta, que gosta de jazz e detesta trabalhar, o amigo Beatnik do personagem Dobie e essas eram as características que os americanos tradicionais queriam associar à essa geração.

Esses tipos de representações caricatas também foram bastante utilizadas nos anos seguintes em séries animadas, um exemplo muito conhecido dessa representação da contracultura é o personagem Salsicha do desenho *Scooby Doo* (1969), esse sendo o mais medroso e preguiçoso do grupo, que juntamente com seu cachorro vivem com fome e evitam se esforçar muito para solucionar os casos que eles investigam. Em *Doug* (1991-1999), temos a Judy Funnie, a irmã mais velha do personagem principal, que é uma adolescente dramática que gosta de poesia e dramaturgia, e representa, de forma menos pejorativa os Beatniks, isso pode ter acontecido pelo fato de que, com o passar dos anos a Beat Generation teve seu valor cultural, artístico e literário reconhecido. Outra série animada que também fez referência ao

²⁵ Columbia Broadcasting System, uma rede de rádio e televisão comercial

²⁶ Os Vários Amores de Dobie Gillis

movimento *Beat* foi Os Simpsons (1989), conhecida por ironizar a cultura americana e trazer questões polêmicas em seus episódios, trouxe dois personagens Beatniks, sendo eles os pais de Ned Flanders, um homem religioso e que tenta ser correto em tudo o que faz. No episódio Hurricane Neddy ²⁷ onde vemos a infância do personagem junto com seu pai Ned e sua mãe Mona, representados como “freaky beatniks”²⁸.

2.3.2 No meio musical

Além do cinema e da TV, a Beat Generation também esteve presente na música, sendo de forma mais direta, com citações e recortes de obras dos beats, ou de uma maneira sutil, apenas como influências líricas e de comportamento. Bandas como The Beatles e The Doors beberam nessa fonte boêmia, e cantores como Lou Reed e Bob Dylan não só tiveram como referência essa geração como criaram laços com seus escritores.

A banda Steely Dan, por exemplo, tirou esse nome de uma das obras da Beat Generation, especificamente do romance *Naked Lunch* (1959) escrito por William S. Burroughs, onde na obra o nome é relacionado à um dildo²⁹. Alguns músicos como Jim Morrison (The Doors) e *Bob Dylan*, por exemplo, sempre deixaram clara a admiração que tinham pelos escritores daquela geração, e poderiam esses facilmente serem chamados de Beatniks.

Para Jim Morrison, vocalista e letrista da banda The Doors, o escritor Beat Jack Kerouac era mais do que apenas inspiração, através das suas obras, para a criação de suas músicas, mas também como um modelo de estilo de vida. As obras de Jack serviram de bastante influência para Jim, segundo Ray Manzarek, o tecladista da banda, se Kerouac não tivesse escrito o romance *On the Road* a banda The Doors nunca teria existido, essa declaração dá a entender que essa obra teve bastante impacto na vida do vocalista da banda.

A persona artística de Morrison foi, possivelmente, baseada no personagem Dean Moriarty, presente na obra do autor beat, pois, segundo as palavras do personagem Sal Paradise: “A primeira impressão que tive de Dean foi a de um Gene Autry mais moço — maneiro, esguio, olhos azuis, com um sotaque típico de Oklahoma —, um herói de suíças do lado nevado do oeste.” (KEROUAC. *On the Road – Pé na estrada*, 1990, p. 7), e essa descrição claramente podia ser aplicada em Jim Morrison, principalmente no início de sua carreira.

²⁷ Furacão Neddy

²⁸ Beatniks esquisitos.

²⁹ Objeto fálico com intuito sexual.

A mundialmente famosa banda inglesa The Beatles também incorporou elementos da Beat Generation. Apesar de controvérsias existe uma grande possibilidade de o nome do movimento ter sido referência para o surgimento do nome da banda. Uma das coisas que podem servir de prova de que isso é verdade está no fato de que John Lennon, criador do grupo, tinha contato com Jack, segundo o que está presente no livro biográfico do autor, *Subterranean Kerouac: the hidden life of Jack Kerouac*³⁰, escrito por Ellis Amburn. Amburn diz:

John Lennon subsequentemente contactou Kerouac, revelando que o nome da banda era derivado de 'Beat'. 'Ele lamentou não ter vindo me ver quando eles tocaram no Queens', disse Kerouac, referindo-se ao show do Beatles no Shea Stadium em 1965 (342).

Perto da separação dos Beatles, John Lennon e Yoko Ono formaram um grupo musical chamado Plastic Ono Band, onde uma das músicas chamada Give Peace a Chance³¹, que foi lançada como protesto contra a guerra do Vietnã, cita Allen Ginsberg em um de seus refrões.

Give Peace a Chance³² (Plastic Ono Band, 1969, tradução minha)

1. Todo mundo está falando sobre
2. John e Yoko, Timmy Leary, Rosemary
3. Tommy Smothers, Bobby Dylan, Tommy Cooper
4. Derek Taylor, Norman Mailer, Allen Ginsberg, Hare Krishna
5. Hare, Hare Krishna

Outra banda que deixou explícita a admiração pela Beat Generation foi a King Crimson, um grupo inglês de rock formado em 1968, que em 1982 lançou um álbum chamado *Beat* que continha músicas relacionadas com o movimento, incluindo as canções: Neal and Jack and Me³³ (Neal Cassady e Jack Kerouac), Heartbeat³⁴, que também era parte do título de um livro escrito pela esposa de Cassady, Carolyn. O livro se chama *Heart beat: My Life with Jack & Neal*³⁵(1982) conta suas experiências convivendo com os escritores da Geração. Outro exemplo de canção presente nesse álbum da banda King Crimson é Howler³⁶ que tem como fonte o poema de Ginsberg, “Howl”.

³⁰ Kerouac subterrâneo: a vida oculta de Jack Kerouac

³¹ Dê a Paz Uma Chance (tradução nossa)

³² Everybody's talking about

³³ Neal e Jack e Eu

³⁴ Batimento Cardíaco, mas também faz alusão ao movimento (Coração Beat)

³⁵ Coração Beat: Minha Vida com Neal e Jack

³⁶ Uivador

Esses músicos tiveram com uma de suas referências a Beat Generation, as usaram de forma direta e indireta, parafrasearam as obras em suas músicas, se identificavam com as questões e temáticas abordadas pela geração e com isso suas músicas, vídeos e eles próprios serviram como meio de mostrar isso. Os músicos citados aqui, quando não tiveram contato com os escritores Beat, ao menos estavam presentes na época onde o movimento ainda tinha uma força presente na sociedade, o que facilitava a associação, porém a Beat Generation ecoou nas décadas seguintes e hoje em dia no século XXI ainda é possível encontrar vestígios dela em artistas contemporâneos, como é o caso da cantora Lana Del Rey.

3. A ULTIMA BEATNIK

Nesse capítulo será abordada a relação da cantora e compositora norte-americana Lana Del Rey com o movimento cultural apresentado nesse trabalho, a Beat Generation, mostrando através de exemplos e vendo de uma perspectiva intermediária como a obra da cantora sofre grande influência dos beats. Mas, antes de analisarmos as músicas e vídeos da cantora, é interessante conhecer um pouco da história de Lana Del Rey, entender o passado dela e início de carreira, para compreender com mais clareza os motivos pelos quais ela se identifica e utiliza de elementos da Beat Generation em suas músicas e vídeos. Também pontuaremos brevemente momentos importantes de sua carreira e vida pessoal passando pelo caminho que ela percorreu até seu estrelato no início da década de 2010.

3.1 UM POUCO SOBRE LANA DEL REY

Elizabeth Woolridge Grant, conhecida popularmente como Lana Del Rey, é uma cantora, compositora e poetisa norte-americana que ficou bastante popular em 2011 quando sua música intitulada Video Games começou a fazer sucesso na internet, trazendo uma estética vintage³⁷ que não era comum na época. Nascida em 21 de junho de 1985 na cidade Nova York, filha mais velha de três, foi criada em uma cidade pacata chamada Lake Placid, seu pai um empresário chamado Robert Grand e sua mãe uma advogada e também professora chamada Patricia Grant.

Desde muito cedo mostrou ter talento como cantora, o canto veio primeiro que a fala, pois quando tinha cerca de dois anos de idade ela conseguia decorar letras de músicas, mas não conseguia formular frases muito bem. Como muitas cantoras dos EUA, Del Rey também fez parte do coral do colégio católico em que estudou na sua infância, o que a fez se encontrar dentro do canto e a fez ver a música como uma das possibilidades de carreira a se seguir, uma outra possibilidade era a de escritora, poetisa, pois na sua adolescência ela começou a ler e escrever bastante e se interessar pela vida dos escritores

Foi justamente nessa época, em sua adolescência, com treze anos de idade, que iniciou um dos períodos mais complicados da vida de Del Rey, a cantora começou a beber bebidas alcoólicas. Essa foi uma fase onde ela se encantava pela figura da escritora decadente, onde acabou romantizando a bebida, e isso foi algo que preocupou seus pais, então eles decidiram

³⁷ Algo que remete à décadas passadas, principalmente da década de 1920 até 1960, o que pode ser chamado de retro também.

tomar uma atitude e aos quinze anos de idade *Lana* foi mandada para um colégio interno chamado Kent Boarding School em Connecticut onde ficou até se formar no ensino médio.

Após terminar o colegial passou um tempo morando com seus tios em Long Island, em Nova York, mesmo ainda estando em reabilitação, onde, nesse período, ela viajava para ajudar a construir casas para nativos americanos. Foi então nessa época, em meados de 2005, Del Rey entrou de cabeça na música e começou a compor, a partir dessas composições saiu seu primeiro trabalho musical, nomeado *Sirens*, em meados de 2006. Nessa época seu nome artístico era May Jailer e não se sabe ao certo o que aconteceu nessa época, nada é muito claro com relação ao motivo pelo qual esse álbum não teve divulgação, pois o *Sirens* só teve destaque quando em 2012 o álbum vazou na internet.

Após um tempo morando com os tios Lana Del Rey entrou na Fordham University onde começou a estudar filosofia e metafísica, nesse período ela, por algum motivo não claro, passava por algumas necessidades financeiras, foi nesse período que a cantora ficou conhecida como “rainha do sofá”, como ela mesma relata em sua entrevista para a revista *Nylon* em 2013, pois esse foi o momento em sua vida em que Del Rey não tinha uma moradia fixa. Passou a pegar empregos como o de babá para que pudesse ter um sustento, e também, em meio a isso tudo, começou a se apresentar em bares do Brooklyn e do Bronx com o nome de Lizzy Grant, seu segundo nome artístico. Às vezes como Lizzy Grant and the Phenomena ou Sparkle Jump Rope Queen³⁸, mas no fim firmou-se mesmo como Lizzy Grant, seu primeiro nome artístico a ser popularizado, já que May Jailer não teve nenhum impacto.

Del Rey começou a se destacar na cena alternativa de Nova York e um empresário chamado Bob Leone começou a empresariá-la, e foi então que surgiu seu primeiro EP³⁹ como Lizzy Grant, chamado *Kill Kill* (2008). Um tempo depois ela lançou o álbum que seria o início da mudança definitiva do seu nome artístico, então em 2010 *Del Rey* lançou o *Lana Del Ray A.K.A. Lizzy Grant* e esse foi seu último respiro como Lizzy. No Ano de 2010 a cantora mudou seu time de empresários e decidiu ir para Londres trabalhar no seu novo álbum e trabalhar sua nova imagem finalmente como Lana Del Rey, para isso ela retirou seus trabalhos anteriores do iTunes⁴⁰ e passou a trabalhar nas suas próximas músicas.

³⁸ Rainha da corda de pular brilhante

³⁹ Extended play. Um CD curto demais para ser considerado um álbum.

⁴⁰ Loja digital de música, e também de vídeos.

A partir daqui, em 2010, Del Rey passou a trabalhar sua imagem e na sonoridade suas músicas. Até aqui percebemos que a cantora morou em lugares e conviveu com pessoas e ambientes que facilitaram a conexão dela com a Beat Generation, o fato de gostar de escrever, de ter problemas com álcool e viver como nômade⁴¹ por um certo período a aproxima de uma vivência similar com a da maioria dos escritores da Geração.

3.1.1 Lana Del Rey e sua relação com a década de 1950

Apesar que em seu álbum anterior, o Lana Del Rey A.K.A. Lizzy Grant, ela já tenha trago uma estética vintage, (sendo esse termo, dentro da moda, usado para se referir ao conceito de trazer referências da moda e estilos de décadas passadas, principalmente dos anos de 1920 até os de 1960), foi só depois de virar Del Rey que isso se intensificou, e no seu álbum de estreia *Born to Die*⁴², em 2012, ela veio com um visual mais maduro, mais glamoroso, e a década escolhida como inspiração foi justamente a de 1950. Suas roupas, cabelo, maquiagem, tudo remetia a esse período, inclusive sua voz, as letras de suas músicas e a sonoridade cinematográfica que ela trazia. Suas referências a ícones dos anos cinquenta estavam presentes em suas canções, e ela deixa clara sua paixão pelo cinema e seus ícones, sua sonoridade já expressava isso, basta ouvir a música título do álbum *Born to Die* que é notável a presença da inspiração nas clássicas soundtracks⁴³ dos filmes da época de ouro de Hollywood.

Figura 4: Ensaio fotográfico para o álbum *Born to Die*



Fonte: Lanapedia

⁴¹ Que não tem habitação fixa; que vive mudando de um lugar para outro.

⁴² Nascida para Morrer

⁴³ Músicas e todo conjunto sonoro presente em obras audiovisuais. Trilha sonora.

Não é só na sonoridade que ela remete ao cinema, mas em citações, como em *Blue Jeans* onde ela cita o queridinho das telonas dos anos 1950, James Dean, no trecho “It was like James Dean for sure”. Marilyn Monroe, outro ícone dos anos 1940 e 1950, também é uma das referências de Lana Del Rey, no vídeo feito para a canção *National Anthem* ela encena o episódio onde *Marilyn* canta parabéns para o então presidente dos EUA John F. Kennedy em outra canção ela faz referência a uma música presente no filme *Gentlemen Prefer Blondes* (1953) estrelado por Monroe quando diz “Diamonds are my bestest friend” em *Body Electric*, uma clara referência a “Diamonds are a girl's best friend”. Mais recentemente na música *13 Beaches* presente no seu álbum *Lust for Life* ela usa um sample⁴⁴ de uma fala da personagem Mary Henry do filme *Carnival of Souls* (1962) interpretada pela atriz Mary Candace Hilligoss.

Não podemos deixar de falar dos ídolos do meio musical que a cantora fez referência, e um deles com certeza está presente em músicas como *Million Dollar Man* onde ela diz “One for the Money, two for the show”, esse sendo um trecho da música *Blue Suede Shoes* que ficou mundialmente conhecida na voz de Elvis Presley, ou quando em *Tomorrow Never Came*, sua parceria com Sean Lennon, filho de John Lennon, na qual ela cita títulos de músicas como *Lay Lady Lay* do Bob Dylan e *Tiny Dancer* do Elton John. Esses são alguns dos exemplos.

E é claro que a literatura também estaria presente no trabalho da cantora, a primeira e mais notável referência está presente na versão deluxe do seu álbum *Born to Die* onde ela faz referência a polêmica obra de Vladimir Nabokov, *Lolita*, em uma de suas canções com o mesmo nome. Outro exemplo é o título do seu segundo álbum, *Ultraviolence*, que está diretamente ligado a uma palavra que aparece com frequência na obra de Anthony Burgess, *Laranja Mecânica*. E como um último exemplo, novamente em *Tomorrow Never Came*, ela cita também uma obra literária, o romance *Tropico of Cancer* (1934) do escritor norte-americano Henry Miller.

Desde o seu primeiro trabalho como Lana Del Rey era notável a influência que a década de 1950 tinha em sua arte como um todo, cinema, música, literatura, tudo misturado em uma só artista. Então não é de se estranhar que a Beat Generation também estivesse presente nos conceitos de suas criações. O fato de James Dean, um dos símbolos Beat no cinema, ser citado em *Blue Jeans* não foi à toa, pois nos seus próximos trabalhos, os pontos que a ligam com aquela Geração ficaram mais claros.

⁴⁴ “MÚSICA gravação de trecho ou fragmento de canção, composição musical ou de um qualquer outro registo sonoro, que é reutilizada, integrando-se numa nova peça musical por meio de edição digital” (Infopédia)

Vendo de uma maneira mais subjetiva, desde o *Born to Die* é possível notar aspectos que estão presentes nas obras beat, como a melancolia, referência a drogas, a sexo e à morte. Mas, com o passar do tempo, como iremos ver nos seus próximos trabalhos, as coisas começaram a ficar mais explícitas. Nos próximos projetos musicais fica claro que os escritores Beat, como Ginsberg e Kerouac, ou até mesmo um dos que inspiraram, chegando a ser considerado o precursor do movimento, os jovens da Geração como Walt Whitman, estão no catálogo referencial da cantora.

3.2 A ERA DO EP PARADISE

Em todos os seus trabalhos, Del Rey traz uma essência de contracultura, ao mesmo tempo que no início de sua carreira ela exaltava os Estados Unidos, em alguns momentos ela expressava um certo descontentamento com a América, algo que os Beats falavam muito e algo que não é visto com bons olhos pelos conservadores norte-americanos. A partir daqui vamos focar em um dos momentos mais Beatnik na carreira de Lana Del Rey, momento esse que ocorreu uns anos antes do lançamento do seu segundo álbum e um pouco depois do lançamento do primeiro, vamos falar sobre o *Born to Die: Paradise Edition* (2012).

Poderíamos facilmente focar no seu segundo álbum de inéditas que possui grande influência e referência à Beat Generation, mas o *Paradise Edition*, essa Era como um todo, consegue transparecer Beat de diversas maneiras, líricamente e na forma que ela decidiu representar visualmente suas músicas, o que acaba sendo mais interessante e mais rico de se analisar, principalmente levando em consideração a intermedialidade que ocorre nesse projeto da cantora. Também acho válido em certos momentos utilizar de músicas do seu segundo álbum de estúdio para reforçar as ideias, pois nele ela retoma a temática Beat Generation como forma de justificar a Era Paradise.

Depois do grande sucesso que foi o *Born to Die*, não muito tempo depois, no mesmo ano, em 2012, houve o relançamento do álbum, e para isso foi adicionado “*Paradise Edition*” ao título do álbum, além de contar com as faixas já conhecidas, vinha com nove faixas inéditas, sendo elas *Ride*, *American*, *Cola*, *Body Electric*, *Blue Velvet*, *Gods & Monsters*, *Yayo*, *Bel Air* e *Burning Desire*, que só estava presente na versão digital do projeto. Apesar de inicialmente a intenção era apenas lançar essas faixas como relançamento do *Born to Die*, mas elas também foram comercializadas separadamente em forma de EP com o título de *Paradise*, então vamos tratar esse projeto como EP e não como relançamento, pois em algum momento pode ficar confuso. O EP contou com a produção de nomes como Emile Haynie, Rick Rubin, Dan

Heath, Tim Lacombe e Rick Nowels, o *Paradise* foi lançado primeiro no Reino Unido no dia 12 de novembro pela gravadora Polydor Records e um dia depois nos EUA pela Interscope, ambas fazendo parte da Universal Music Group. As canções tem uma carga diferente, eram mais densas e obscuras, com críticas e reflexões de uma Lana já famosa e talvez não tão deslumbrada com a fama como no álbum *Born to Die*. Para complementar a sonoridade desse novo projeto, Lana decidiu produzir dois curtas-metragens, nos quais ela explora visuais que dão o tom poético e de contracultura que ela quis passar com o *Paradise*. O foco principal desta análise está nas músicas do EP *Paradise* e também nos vídeos que às acompanham, podendo vez ou outra citar outras canções presentes no seu álbum sucessor, o *Ultraviolence*.

Ride é a primeira faixa do *Paradise* e foi a primeira música dele a ter um vídeo propriamente dito, um curta-metragem⁴⁵ de dez minutos para uma música que possui um pouco mais do que quatro minutos. Não foi a primeira vez que Del Rey trabalhou curtas para suas músicas, já havia feito isso para a faixa *National Anthem* do *Born to Die*. A música é sobre tentar fugir de seus problemas, e por isso ela pega a estrada, dirige como uma forma de escapar. Na primeira frase da música ela canta “Eu estive fora nessa estrada aberta” no refrão ela canta *Ride*⁴⁶ (Lana Del Rey, 2012, tradução minha)

1. Eu venho tentando muito não entrar em problema, mas eu
2. Eu tenho uma guerra em minha mente
3. Então, eu apenas dirijo, apenas dirijo

Já podemos aqui fazer uma ligação entre *Ride* e *On the Road* (Na Estrada) de Jack Kerouac, pois ambos enxergam a estrada como forma de escapar dos problemas, a partir daqui é possível notar o tom desse projeto.

Não foi a última vez que Kerouac esteve presente em suas músicas, no seu álbum seguinte, o *Ultraviolence*, por exemplo, podemos encontrar um ar de *On the Road* no primeiro single chamado *West Coast*⁴⁷, onde ela acaba fantasiando um lugar que os escritores beats, principalmente Jack Kerouac, fantasiavam muito, e esse lugar se chama o Oeste. Na música, Lana fala desse lugar com entusiasmo, algo que se assemelha com o que vemos em *On the Road* do Kerouac. Em uma parte da canção ela canta:

⁴⁵ Um curta-metragem é um filme de pouca duração.

⁴⁶ “Been tryin' hard not to get into trouble, but I
I've got a war in my mind
So, I just ride, I just ride”

⁴⁷ Costa Oeste

*West Coast*⁴⁸ (Lana Del Rey, 2014, tradução minha)

- | | |
|---|--|
| 1. Na Costa Oeste, eles têm um ditado | 4. Tudo pudesse acontecer, é por isso |
| 2. Se você não está bebendo, então,
não está jogando {...} | que estou |
| 3. Na Costa Oeste, eu sinto como se | 5. te deixando por agora, te deixando
por agora {...} |

Esse tipo de narrativa está presente na obra de Kerouac, onde os personagens vão em rumo aos *Oeste* que representa novas possibilidades de viver, pois “O oeste é representado como a terra de novas oportunidades, e mover-se para lá sempre é a promessa de um novo começo.”, e os beats souberam usar isso muito bem, e o Oeste logo passou a ser associado às ideias daquela geração, já que “‘The Beat Generation’, como movimento literário, estava firmemente estabelecido com uma ligação com poetas da costa oeste e com a repercussão dos livros de Ginsberg e Kerouac (*On the road*, que publicara em 1957)”. Podemos notar esse aspecto em um dos trechos do livro, como nesse o personagem fala

E Dean falou para Carlo sobre desconhecidos do Oeste como Tommy Snark, o craque manco das mesas de bilhar, viciado no baralho e veado abençoado. Falou também sobre Roy Johnson, Big Ed Dunkel, seus amigos de infância, seus companheiros de rua, suas inumeráveis garotas e orgias e fotos pornográficas, seus heróis, heroínas, aventuras. (KEROUAC, 1957, p. 11)

Voltando para *Ride*, o vídeo que foi escrito por *Lana* e dirigido por Anthony Mandler, possui dois monólogos⁴⁹ da cantora, antes da canção iniciar temos o primeiro onde ela relata coisas de sua vida antes de se tornar famosa, onde ela cita que quis ser poetisa “Uma vez tive sonhos de me tornar uma bela poetisa. Mas após uma série de eventos infelizes, vi esses sonhos destruídos e divididos como um milhão de estrelas no céu noturno” (DEL REY, 2013, tradução minha)⁵⁰. Logo após o fim da música temos o último monólogo onde podemos ver mais claramente uma forte conexão entre *Lana* e os *Beats*, como por exemplo quando ela diz

Todas as noites eu costumava orar para encontrar meu povo e finalmente encontrei na estrada aberta. Não tínhamos nada a perder, nada a ganhar, nada que desejávamos mais. Exceto para fazer de nossas vidas uma obra de arte (DEL REY, 2013).

⁴⁸ “Down on the West Coast they got a saying
"If you're not drinking then you're not playing"
Down on the West Coast I get this feeling like
It all could happen that's why I'm leaving
You for the moment, you for the moment”

⁴⁹ Diálogo escrito para apenas um personagem

⁵⁰ “I once had dreams of becoming a beautiful poet

But upon an unfortunate series of events saw those dreams dashed and divided like a million stars in the night sky”

Figura 5: Cena do curta-metragem feito para a canção *Ride*



Fonte: Reprodução do YouTube

Aqui é possível notar o fator outsider presente nas obras e no estilo de vida dos escritores Beats, tentar se sentir pertencente a algo em um mundo onde não se sente pertencer, encontrar seu grupo na estrada e fazer de sua vida uma obra de arte. É impossível negar as similaridades entre *Ride*, música e vídeo, e *On the Road*, não só esse romance de Kerouac, mas o movimento Beat como um todo em sua essência. O conceito de *Ride* foi uma espécie de foreshadowing⁵¹ para o que estava por vir, pois no final do ano de 2013 Lana lançaria seu projeto que finalizaria a Era Paradise, lançando o Tropicico.

3.3 A ANÁLISE DO CURTA TROPICO

Finalizando sua divulgação da Era Paradise, Lana anuncia o lançamento de um curta-metragem que ela se referiu como uma despedida daquele capítulo para que ela pudesse seguir em frente. Então em quatro de dezembro de 2013 ela estreia um curta de vinte e sete minutos chamado Tropicico no Hollywood Forever Cemetery⁵². Escrito por ela e dirigido novamente por Anthony Mandler o filme possui três atos e é uma espécie de conto épico que se baseia na história bíblica do pecado e da redenção. Acompanhando o filme temos três das canções presentes no EP Paradise, sendo elas *Body Electric*, *Gods & Monsters* e *Bel Air*, cada uma fazendo parte de um dos atos⁵³. Além das músicas o curta⁵⁴ possui alguns monólogos que guiam a história de uma forma que não era necessário ter diálogos e foi aqui onde Del Rey resolveu transformar seu ato de despedida de uma Era em uma obra de arte audiovisual contemporânea da Beat Generation.

⁵¹ Prenúncio. Artificio literário pelo qual um autor insinua fragmentos da história que ainda está por vir

⁵² "Hollywood Forever é uma casa funerária com serviço completo, crematório, cemitério e centro de eventos culturais no coração de Hollywood, Los Angeles." O Cemitério das estrelas de Hollywood.

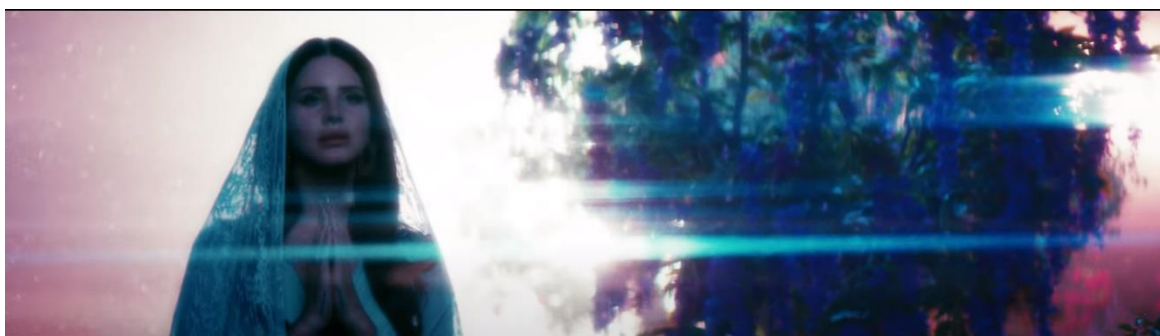
⁵³ Unidades que dividem uma obra

⁵⁴ Curta-metragem

3.3.1 1º Ato: Body Electric

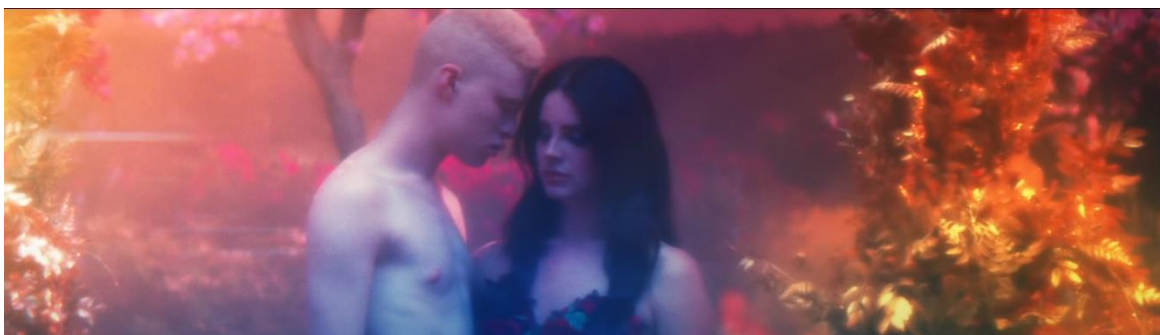
O filme começa num tom psicodélico⁵⁵, visualmente falando, logo somos apresentados a John Wayne⁵⁶ que aqui representa Deus, pois nos EUA Wayne era e é um ícone, um dos deuses do cinema, então nada mais coerente na estética de Del Rey do que colocá-lo como Deus. Logo em seguida vemos Lana representando Maria, mãe de Jesus, e também nos são apresentadas as representações de Marilyn Monroe e Elvis Presley, que são inspirações e servem de referência para Lana Del Rey, como vimos anteriormente, e também temos a presença representativa do próprio Jesus Cristo. Lana aparece novamente, agora ao lado do ator Shaun Ross e então fica claro que estamos no Jardim do Éden e eles são Adão e Eva.

Figura 6: Maria



Fonte: Reprodução do YouTube

Figura 7: Adão e Eva



Fonte: Reprodução do YouTube

As primeiras falas do filme vêm de um narrador que parafraseia *Genesis*, “E o espírito de John moveu-se sobre as águas; e John disse: "Haja luz" e houve luz; e John viu que era bom”, trocando apenas Deus por John e logo em seguida temos Lana de Maria dizendo “Querido John,

⁵⁵ “Que altera a percepção sensorial, causando alucinações; que é relativo ao psicodelismo (ex.: drogas psicodélicas).” “Que lembra, traduz ou estimula os efeitos próprios do psicodelismo (ex.: ritmo psicodélico, roupas psicodélicas).”

⁵⁶ “Foi um ator e cineasta americano que se tornou um ícone popular por meio de seus papéis principais em filmes feitos durante a Idade de Ouro de Hollywood, especialmente em filmes de faroeste e de guerra.”

perdoe nossos pecados”. Toda essa introdução e todos os personagens apresentados e como isso é feito nos dá o tom do curta. Já de cara percebemos a combinação do sagrado com o não-sagrado, dentro do aspecto religioso, algo que os *Beats* faziam com frequência em suas obras. Então em meio a falas de Wayne explicando como ser um cowboy, de Marilyn cantarolando partes de *I'm Through With Love*, Elvis cantando trechos de *Always on My Mind* e de *Love Me* e Jesus orando, inicia o momento do curta em que é encenado o momento onde Adão e Eva comem o fruto proibido, enquanto isso somos apresentados a primeira música do curta, *Body Electric*.

Figura 8: Marilyn Monroe, Jesus Cristo, Elvis Presley e John Wayne no *Jardim do Éden*



Fonte: Reprodução do YouTube

A música nos faz compreender a imagética que a cantora quis retratar, no primeiro verso da música ela já diz:

*Body Electric*⁵⁷ (Lana Del Rey, 2012, tradução minha)

1. Elvis é meu pai
2. Marilyn é minha mãe
3. Jesus é o meu melhor amigo.

E mais a frente ele diz “Maria reza um rosário por minha mente quebrada”⁵⁸, fazendo uma ligação com os personagens que nos foram apresentados no filme. Então chegamos no refrão da música e é aqui que é comprovado o que o título da canção já tinha nos deixado curiosos, Lana canta “Eu canto o corpo elétrico” (*I Sing the Body Electric*), título de um dos poemas mais conhecidos de Walt Whitman, poema esse que celebra os diferentes aspectos da fisicalidade humana, esse sendo um dos que mais inspirou Allen Ginsberg na sua escrita. E

⁵⁷ “Elvis is my daddy,
Marilyn's my mother
Jesus is my bestest friend”

⁵⁸ “Mary prays the rosary for my broken mind”

segundo Robert Faggen "A história dos romancistas The Beat e seus descendentes na década de 1960 realmente começa em algum lugar na ficção e poesia americana de meados do século XIX, particularmente com Melville e Whitman." (FAGGEN, 2011), sendo assim essa a primeira ligação, no curta-metragem, através de uma Referência Intermidiática de Lana com, se assim podemos chamar, um dos precursores da Beat Generation. Mais à frente na música ela cita o poeta no segundo verso, Del Rey canta "Whitman é meu pai"⁵⁹.

No momento em que comem o fruto proibido, flashes entre Eva caindo e Lana em um pole dance acontece, Eva cai, agora ela é uma pecadora. Em seguida ouvimos a voz de Del Rey citando o poema de Whitman enquanto Adão come o fruto também, iniciando pela primeira seção do poema onde diz

I Sing the Body Electric⁶⁰ (Walt Whitman, 1855, tradução minha)

1. Eu canto o corpo elétrico,
2. Os exércitos daqueles que amo me envolvem e eu os envolvo,
3. Eles não vão me deixar sair até que eu vá com eles, responda a eles,
4. E os desintegra, e carrega-os com o comando da alma.

Em seguida vemos como Adão e Eva vivem, o dia a dia deles, cenas de um clube de strip-tease onde Lana dança no pole dance, intercalando com cenas onde aparece uso de drogas pela gangue de Adão, enquanto ouvimos Del Rey citando a parte final da nona e última seção do poema em que fala do corpo da mulher, então é a partir desse momento que entramos no segundo ato do filme.

3.3.2 2º Ato: Gods & Monsters

Continuamos acompanhando o que seria o dia a dia dos personagens quando começa a segunda canção nomeada Gods & Monsters. Logo no início ouvimos Lana cantar "L.A., L.A.", se referindo a cidade de Los Angeles, logo em seguida ela canta

Gods & Monsters⁶¹ (Lana Del Rey, 2012, tradução minha)

1. Na terra dos deuses e monstros

⁵⁹ "Whitman is my daddy"

⁶⁰ "I sing the body electric,

The armies of those I love engirth me and I engirth them,

They will not let me off till I go with them, respond to them,

And discorrupt them, and charge them full with the charge of the soul."

⁶¹ "In the land of Gods and Monsters

I was an angel livin' in the garden of evil"

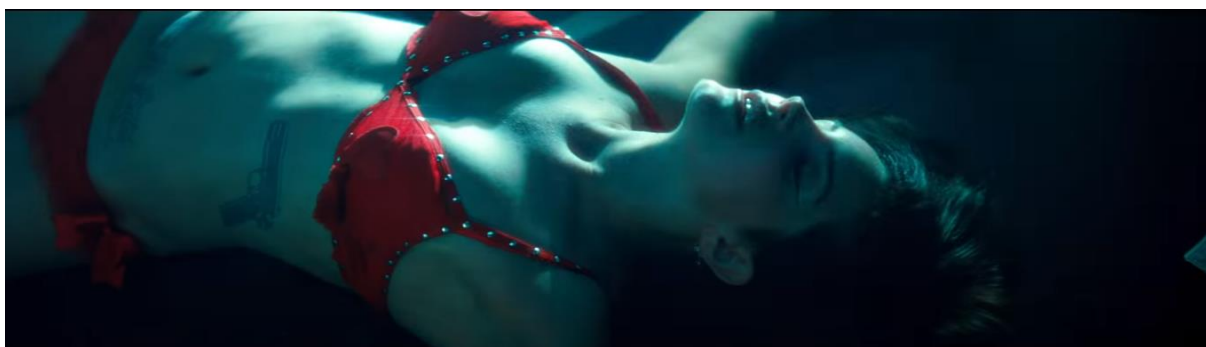
2. eu era um anjo vivendo no jardim do mal.

Notamos que ela trata a cidade como “jardim do mal”, uma terra de deuses e monstros, aqui especificamente podemos associar com Hollywood que é um distrito de Los Angeles, lugar onde vivem as estrelas, os ícones da cultura pop.

Nessa música ela trata de como L.A. pode corromper as pessoas e como ser diferente pode dificultar sua aceitação em Hollywood, em momentos como “estragada, com medo, fazendo qualquer coisa que eu precisava”, ela expressa esse sentimento, e aqui ela vem fazer o que os *Beats* fizeram bastante: criticar a América. Lana sempre deixa clara a admiração pelo seu país, mas dessa vez ela quis fazer uma crítica dentro de seu ponto de vista. Não foi a última vez em que Del Rey levanta críticas relacionadas à América, em seu álbum *Lust for Life* (2017) ela separou um seguimento só para isso, onde fala da luta dos direitos das mulheres, sobre as guerras, sobre questões relacionadas às eleições que elegeram Donald Trump como presidente e até em como a situação na Califórnia não andava bem.

Em *Gods & Monsters* Del Rey volta a citar Deus em partes da canção como essas “Eu e Deus não nos damos bem” ou em “Deus está morto, eu disse, “Querido, por mim está tudo bem”, além de ser uma clara referência a Nietzsche, ela também demonstra não se sentir agraciada por Ele, e isso faz com que ela não ligue se Ele está morto ou não. Nessa canção ela também faz referência a sexo ao mesmo tempo em que fala que é um anjo, ou seja, misturando o “sagrado com o profano”. No refrão ela canta “Estou vivendo como Jim Morrison”, se referindo ao vocalista do *The Doors* já mencionado nesse trabalho, e sabemos que o estilo de vida dele era bem similar ao dos escritores *Beats*, e esse é o estilo de vida que ela diz viver em Hollywood após ser corrompida, ela expressa isso quando canta “É a inocência perdida”.

Figura 9: Lana como stripper



Fonte: Reprodução do YouTube

Logo após o fim da música temos uma cena onde homens, aparentemente ricos, comemoram o aniversário de um deles que, por coincidência ou não, se chama Jack (o que pode, ou não, ser referência a Jack Kerouac), e para isso eles chamam Strippers. Em seguida começa outro monólogo, dessa vez Lana foi bem direta e resolveu recitar trechos do poema “Howl” de Ginsberg, e assim conseguimos perceber que *Gods & Monsters* conversa com o poema de Ginsberg em partes como:

Howl⁶² (Allen Ginsberg, 1955, tradução minha)

1. Eu vi as melhores mentes da minha geração destruídas pela loucura, morrendo de fome histérica, nuas,
2. arrastando-se pelas ruas negras ao amanhecer em busca de uma solução furiosa,
3. hipsters com cabeça de anjo ardendo em busca da antiga conexão celestial com o dínamo estrelado na maquinaria da noite.

Provando que ela trabalha tanto de forma direta como indireta com relação a intermedialidade que existe entre as obras dela e a Beat Generation.

3.3.3 3º Ato: *Bel Air*

A festa de Jack sofreu um ataque dos assaltantes do grupo de *Adão e Lana* conclui, em outro monólogo, que Los Angeles pode ser o Jardim do Éden ou o Jardim do Mal e depende de cada um escolher qual é seu lado. Seguimos com Del Rey como *Maria* orando para John Wayne e partindo para o monólogo de Wayne recitando o poema “America, Why I Love Her”⁶³ escrito por John Mitchum em 1973 e recitado pelo próprio Wayne, no qual ele ressalta as belezas do país.

Essa é a última parte do curta metragem e trata da redenção⁶⁴ nossos personagens vêm de carro para um campo aberto onde deixam seus bens materiais no caminho e trocam suas vestimentas pretas por outras brancas. Então vemos *Lana* sendo mergulhada e voltando numa espécie de renascimento, enquanto isso sua música *Bel Air* está passando. Nessa canção ela fala sobre renascer para viver uma nova vida ao lado de alguém, mas ao mesmo tempo, levando em

⁶² “I saw the best minds of my generation destroyed by madness, starving hysterical naked, dragging themselves through the negro streets at dawn looking for an angry fix, angelheaded hipsters burning for the ancient heavenly connection to the starry dynamo in the machinery of night,”

⁶³ América, Por Que Eu a Amo

⁶⁴ “Auxílio, proteção que livra de situação difícil; salvação”

consideração a temática do curta, podemos interpretar como se ela estivesse falando com Deus, principalmente em trechos como:

Bel Air⁶⁵ (Lana Del Rey, 2012, tradução minha)

1. Gárgulas, em pé na frente do seu portão
2. Tentando me dizer para esperar, mas eu não consigo esperar para vê-lo
3. Então eu corro, como se estivesse louca, para a porta do céu

Nesse trecho ela não deixa claro sobre quem ela está falando, mas a imagética criada pelas suas palavras e o fato dela ter citado o céu nos dá a entender que ela, de certo modo, pode estar falando de Deus e do paraíso (Paradise). Em outro trecho ela canta sobre esse renascimento, como nas primeiras frases na ponte⁶⁶ da música quando ela canta:

Bel Air⁶⁷ (Lana Del Rey, 2012, tradução minha)

1. Não tenha medo de mim
2. Não fique envergonhado
3. Fugindo da minha suave ressurreição.

Figura 10: Lana e Shaun vestidos de preto



Fonte: Reprodução do YouTube

⁶⁵ “Gargoyles standing at the front of your gate
Trying to tell me to wait, but I can't wait to see you
So I run, like I'm mad to heaven's door”

⁶⁶ Parte diferente de uma canção que geralmente antecede o último refrão.

⁶⁷ “Don't be afraid of me
Don't be ashamed
Walk in the way of my soft resurrection”

Figura 11: Lana e Shaun de branco

Fonte: Reprodução do YouTube

Então vemos o casal flutuar nos ares indo em direção ao céu enquanto tudo vai ficando mais claro e em preto e branco e ouvimos a voz de Elvis cantando *Always on My Mind*, em seguida o filme acaba. No fim é possível notar, com o conjunto da obra, as referências e mensagens que a cantora quis passar com seu curta-metragem, colocando ícones do cinema norte-americano como deuses, falando de fama e da ambiguidade de Los Angeles, sua conexão com a poesia e com a cultura e contracultura da década de 1950 dos Estados Unidos.

Figura 12: Lana e Shaun flutuando

Fonte: Reprodução do YouTube

Esse curta consegue mostrar de forma estética, lírica e conceitual, através de referências e citações, o envolvimento da cantora Lana Del Rey com o movimento cultural e literário Beat Generation, o que não é algo surpreendente levando em conta que Lana viveu em Nova York, cantou em bares do Brooklyn e do Bronx e é apaixonada por literatura, principalmente poesia, então é fácil imaginar que a cantora teve contato com as obras dos Beats e ouviu histórias sobre o movimento.

3.4 A CANÇÃO BROOKLYN BABY COMO CONFIRMAÇÃO DAS REFERÊNCIAS BEAT

Em seu trabalho seguinte, o álbum *Ultraviolence*, ela ainda mantém essas referências, em uma entrevista concedida para a revista *Electronic Beats*, publicada em 2013, onde após ser

perguntada sobre como explorar o lado obscuro da América afetou a maneira como ela explora o americansimo⁶⁸, ela diz

Eu acho que meio que me fez voltar às primeiras influências. Ainda amo a maneira como me senti quando encontrei Allen Ginsberg e o quanto ele pintava com suas palavras. E ele foi influenciado pelo ponto fraco americano, mas agora, em vez de eu ser influenciada pela minha paixão pelo país, eu apenas me sinto bem quando ouço Jim Morrison. Eu me sinto bem quando volto e leio alguns dos poetas beat. Mas, fora isso, não me sinto como, "Rah, rah, América!" Foda-se essa merda. (DEL REY, 2013)

Sabendo disso, vamos falar um pouco de uma música em específico, essa estando presente no *Ultraviolence*. Nesse álbum a cantora veio com uma sonoridade que misturava rock psicodélico, jazz e blues, e em questão de conteúdo lírico ela rebate algumas críticas referentes aos seus trabalhos anteriores, principalmente o *Paradise*. Uma das canções desse projeto em que Lana rebate algumas das críticas recebidas se chama *Brooklyn Baby*. Nela, além de dar algumas respostas para a mídia, ela também aproveita para deixar mais do que claro suas inspirações na Beat Generation.

No primeiro verso da música *Brooklyn Baby* ela diz algo que podemos interpretar como uma resposta com relação à suas referências nos trabalhos anteriores. Então ela canta

*Brooklyn Baby*⁶⁹ (Lana Del Rey, 2014, tradução minha)

1. Eles dizem que sou jovem demais para amar você
2. Eu não sei o que eu preciso
3. Eles acham que eu não entendo
4. A terra da liberdade dos anos setenta.

Del Rey também explicita seu desejo de não querer explicar nada para ninguém das suas motivações artísticas. Na ponte da canção ela deixa claro quando canta

*Brooklyn Baby*⁷⁰ (Lana Del Rey, 2014, tradução minha)

⁶⁸ “Tudo aquilo que caracteriza o continente americano, esp. os E.U.A., ou que se relaciona com suas instituições, cultura, tradição etc.; americanidade.”

⁶⁹ “They say I'm too young to love you
I don't know what I need
They think I don't understand
The freedom land of the seventies”

⁷⁰ “I'm talking about my generation
Talking about that newer nation
And if you don't like it
You can beat it
Beat it, baby
You never liked the way I said it
If you don't get it, then forget it

1. Eu estou falando da minha geração
2. Falando sobre a mais nova nação
3. E se você não gosta disso
4. Você pode cair fora
5. Cai fora, querido
6. Você nunca gostou do jeito que eu falo
7. E se você não entende, então esqueça
8. Porque eu não preciso te explicar porra nenhuma.

É possível dizer que Del Rey pode estar se referindo a Beat Generation quando canta “Estou falando da minha geração”, e mesmo dizendo que não quer explicar, no primeiro verso ela já cita a Geração quando canta:

Brooklyn Baby⁷¹ (Lana Del Rey, 2014, tradução minha)

1. Estou escrevendo alguns romances tipo
2. Poesias Beat com anfetaminas.

Aqui ela cita anfetaminas, droga bastante usada pelos escritores Beats, inclusive alguns escreviam sobre o efeito dela. Outro momento é quando no refrão ela cita algumas de suas referências.

Brooklyn Baby⁷² (Lana Del Rey, 2014, tradução minha)

1. Bem, meu namorado é de uma banda
2. Ele toca guitarra enquanto eu canto Lou Reed
3. Eu tenho penas no meu cabelo
4. Eu curto poesia Beat
5. E minha coleção de jazz é rara
6. Eu posso tocar quase qualquer coisa

'Cause I don't have to fuckin' explain it'

⁷¹ “I'm churnin' out novels like
Beat poetry on Amphetamines”

⁷² “Well, my boyfriend's in a band
He plays guitar while I sing Lou Reed
I've got feathers in my hair
I get down to Beat poetry
And my jazz collection's rare
I can play most anything
I'm a Brooklyn baby
I'm a Brooklyn baby”

7. Eu sou uma queridinha do Brooklyn
8. Eu sou uma queridinha do Brooklyn

Notamos que além da Lana citar a “Beat poetry” ela preenche com outras referências que podem ser associadas com a Geração, ela cita Lou Reed, que é um dos músicos que mais tiveram contato com a cultura Beat, logo em seguida Del Rey cita o jazz que, como foi visto no primeiro capítulo deste trabalho, foi de onde surgiu o nome do movimento, e era o estilo de música que eles mais escutavam que muito os inspiraram. Não podemos deixar de falar do título da canção, pois é nele onde Lana cita um lugar específico, um lugar simbólico para ela e com certeza para os Beats: o Brooklyn. Sendo esse um bairro de Nova York e é justamente lá onde a Beat Generation pode traçar suas origens ou popularidade, juntamente com Lou Reed.

É possível enxergar essa canção como uma forma de resgatar o assunto para que as pessoas que não entenderam o conceito, as referências, ou não tenham compreendido o motivo da utilização delas por *Lana*, tivessem a chance de entender melhor, algo como uma resposta, mesmo que na música ela fale que não quer explicar, a canção em si já é uma forma de explicação. *Del Rey* deixa claro que está imersa na cultura do Brooklyn, nos acontecimentos de *New York*, onde ela viveu por muito tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de literatura pode ser visto por muitos como algo inacessível dentro da cultura popular no sentido de não ser flexível dentro dos diferentes tipos de vivências e visão de mundo, onde ela acaba nela mesma. Isso de fato já pode ter sido verídico no sentido de acessibilidade às obras literárias ou no que muitas pessoas acreditam ser literatura, vê-la como algo inacessível e de difícil compreensão, mas nesse trabalho podemos ver que a literatura pode viajar dentro de outras mídias artísticas, deixando seu rastro, sua marca, de forma direta ou indireta, sendo fiel a si mesma ou servindo apenas como inspiração, podendo ser trabalhada também de forma sonora e visual, onde tudo se conversa e se completa, cada mídia trazendo sua forma de apresentar uma ideia.

Os jovens beats surgiram justamente da vontade de mudar o que já estava engessado dentro da literatura, retomando o que já era comum, porém com um toque audacioso e excêntrico, fazendo com que sem muita demora os olhos do povo norte-americano se voltassem para eles. Mesmo com uma forte oposição dentro do próprio país, a Beat Generation continuou firme e seus ideais, conceitos e estilo de vida se espalharam pelo mundo, sua literatura se espalhou, sua forma de criar passou a ser exemplo para muitos não só dentro da literatura, mas no meio musical, dentro das artes cênicas, nas artes plásticas etc., assim mostrando uma forte ligação entre variadas formas de expressões artísticas.

Através da Intermedialidade é possível analisar de maneira mais específica essas viagens entre as mídias que a Beat Generation fez e faz, muitas vezes não tão claras ou diretas, outras vezes diretas o suficiente. As maneiras de demonstrar admiração pela Beat Generation foram diversas, como, por exemplo, servir de inspiração para alter ego artístico, como no caso de Jim Morrison, onde sua persona artística se assemelhava com um dos personagens presentes em *On the Road*. Vimos que os próprios escritores e poetas da Geração também eram o objeto de referência, quando, por exemplo, John Lennon cita Ginsberg na canção Give Peace a Chance, também vimos referências às suas obras como quando a banda King Crimson homenageou o poema “Howl” na canção Howler.

A Beat Generation continua presente em artistas como Lana Del Rey que traz consigo a essência de uma Beatnik em suas obras, mostrando não só se inspirar nos Beats, mas também nos que os inspiraram, como ela nos mostra na canção Body Electric, onde cita Whitman e seu poema. Lana traz não só referências e releituras, como vimos em Ride e em West Coast, ela também se propõe a trazer fragmentos de obras, como foi possível ver no seu curta-metragem

Tropico, onde ela transforma um trecho de “Howl” do Ginsberg em monólogo. A estética e forma de criação de Del Rey está ligada com a criatividade Beat, sua escrita, a forma como mistura o sagrado com profano, seus visuais psicodélicos no Tropico mostram que sua ligação com a Beat Generation é profunda.

Assim podemos concluir que, como qualquer outra manifestação artística, a literatura transita através de outras mídias, consegue se renovar, ser popular e erudita, consegue conversar com outras artes assim enriquecendo suas temáticas, trazendo outras formas de enxergá-la, mostrando que uma cantora de música pop pode levar para seu público, através de suas músicas e visuais, aspectos literários, poesia, afinal música e poema andam juntos.

Então é possível enxergar a literatura de forma mais dinâmica, trazendo outras artes para enriquecer o conhecimento, assim nada se perde, mas sim se ganha uma visão diferente, uma visão mais ampla e diversificada do que é literatura e de onde podemos encontrá-la. Podendo trabalhar uma obra literária não só através dela em si, mas também por meio dos rastros que, de forma intermediária, foram deixados por essa obra em outras plataformas midiáticas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos Abreu Leitão. *Uma Geração em debate: Beats ou Beatniks?. História Agora*, v. 01, p. 02, 2007.

BURROUGHS, William S. *Naked Lunch*. EUA: Grove Press, 1959

CLÜVER, Claus. *Intermedialidade*. Minas Gerais: UFMG. 2007.

EWALD, Ariane P. *Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos*. Rio de Janeiro: Estudos e Pesquisas em Psicologia, 2008.

GINSBERG, Allen. *Howl. Howl and Other Poems*. San Francisco: City Lights Bookstore, 1956.

JUNIOR, Wander Wilson Chaves. *Geração beat: uma arte de amigos*. São Paulo: Ponto-e-Virgula: Revista de Ciências Sociais, 2013.

KEROUAC, Jack. *On the Road – Pé na Estrada*. 3ª edição. São Paulo: Círculo do Livro, 1990

RAJEWSKY, Irina O. *Intermedialidade, Intertextualidade e “Remediação” : Uma perspectiva literária sobre a intermedialidade*. Minas Gerais: UFMG. 2012.

WHITMAN, Walt. *I Sing the Body Electric*. New York: Leaves of Grass, 1855.

ZHANG, Yonghong. *On the Beat Generation*. China: Research Center for Marxist Theory. 2013.

Discografia:

BAND, Plastic Ono. *Give Peace a Chance*. Montreal: Apple Corps, 1969. Disponível em: <<https://genius.com/Plastic-ono-band-give-peace-a-chance-lyrics>>. Acesso em: 9 abr. 2021.

REY, L.D. *Ride*. Estados Unidos: Polydor, Universal, Interscope, 2012. Disponível em: <<https://genius.com/Lana-del-rey-ride-lyrics>>. Acesso em: 2 ma. 2021.

REY, L.D. *Body Electric*. Estados Unidos: Polydor, Universal, Interscope, 2012. Disponível em: <<https://genius.com/Lana-del-rey-body-electric-lyrics>>. Acesso em: 27 abr. 2021

REY, L.D. *Gods & Monsters*. Estados Unidos: Polydor, Universal, Interscope, 2012. Disponível em: <<https://genius.com/Lana-del-rey-gods-and-monsters-lyrics>>. Acesso em: 27 abr. 2021.

REY, L.D. *Bel Air*. Estados Unidos: Polydor, Universal, Interscope, 2012. Disponível em: <<https://genius.com/Lana-del-rey-bel-air-lyrics>>. Acesso em: 27 abr. 2021.

REY, L.D. *West Coast*. Estados Unidos: Polydor, Universal, Interscope, 2014. Disponível em: <<https://genius.com/Lana-del-rey-west-coast-lyrics>>. Acesso em 12 abr. 2021.

REY, L.D. *Brooklyn Baby*. Estados Unidos: Polydor, Universal, Interscope, 2014. Disponível em: <<https://genius.com/Lana-del-rey-brooklyn-baby-lyrics>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

REY, L.D. *Ride Monologue*. Estados Unidos, 2014.

Disponível em: <<https://genius.com/Lana-del-rey-ride-monologue-lyrics>>. Acesso em 2 ma. 2021.

Filmografia:

NA Estrada. Direção: Walter Salles. Produção: Nathanael Karmitz, Charles Gillibert, Rebecca Yeldham. Cannes: IFC Films, 2012. 1 DVD (2h 20min)

UIVO. Direção: Rob Epstein, Jeffrey Friedman. Produção: Rob Epstein, Jeffrey Friedman, Elizabeth Redleaf, Christine Walker Gus Van Sant, Jawal Nga. New York: Oscilloscope Laboratories, 2010. 1 DVD (1h 24min).

VERSOS de um Crime. Direção: John Krokidas. Produção: Michael Benaroya, Christine Vachon, Rose Ganguzza, John Krokidas. Estados Unidos: Sony Pictures Classics, 2013. 1 DVD (1h 43min).

Webliografia:

BLANNING, Lisa. Paradise Lost: An interview with Lana Del Rey. *Telekom Electronic Beats*, [S.l.]. 2013. Disponível em: <<https://www.electronicbeats.net/ana-del-rey-interview/>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

CHERRY, Jim. The Beats Influence on Jim Morrison. *Medium*, [S.l.]. 2018. Disponível em:<<https://jimcherry.medium.com/the-beats-influence-on-jim-morrison-a1f6fdb0230e>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CHERRY, Jim. Jim Morrison and Jack Kerouac. *Empty Mirror*, [S.l.]. 2013. Disponível em:<<https://www.emptymirrorbooks.com/beat/jim-morrison-and-jack-kerouac>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CORDEIRO, Tiago. Qual foi o primeiro livro a ser adaptado para o cinema?. *Super Interessante*, [S.l.]. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-o-primeiro-livro-a-ser-adaptado-para-o-cinema/#:~:text=Trilby%20e%20o%20Pequeno%20Billee,pelo%20franc%C3%AAs%20Gerald%20du%20Maurier&text=ago%202016%2C%2018h30-.Trilby%20e%20o%20Pequeno%20Billee%2C%20em%201896%2C%20%C3%A9%20o%20primeiro,de%20que%20se%20tem%20registro.>>. Acesso em 14 ma. 2021.

EDITORS, History.com. The 1950s. *HISTORY*. A&E Television Networks, New York. 2010. Disponível em: <<https://www.history.com/topics/cold-war/1950s>>. Acesso em 25 out. 2020.

HEAF, Jonathan. *Lana Del Rey: 'I never wanted to lead a normal life'*. *GQ Magazine*, [S.l.]. 2012. Disponível em: <<https://www.gq-magazine.co.uk/article/woman-of-the-year-lana-del-rey>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

HOLMES, John Clellon. *This Is The Beat Generation*. Literary Kicks, New York. 1994. Disponível em: <<https://www.litkicks.com/ThisIsTheBeatGeneration>>. Acesso em 20 set. 2020.

HOOFT, Merel van' t. The Beats and The Beatles: Two Sides of the Same Coin. *Beatdom*, [S.l.]. 2015. Disponível em: <<https://www.beatdom.com/the-beats-and-the-beatles-two-sides-of-the-same-coin/>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

INDIA, Rolling Stones. From Dylan to Del Rey: Bands Influenced by the Beat Generation. *Rolling Stones*, [S.l.]. 2015. Disponível em: <<https://rollingstoneindia.com/from-dylan-to-del-rey-bands-influenced-by-the-beat-generation/>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

LITERATURA NORTE-AMERICANA DO SÉCULO XX: A GERAÇÃO BEAT, SEUS PRECURSORES E SEGUIDORES.

<https://dialogosliterarios.files.wordpress.com/2013/09/a-gerac3a7c3a3o-beat-seus-precursores-e-seguidores.pdf> Acesso em: 14 de abril de 2020

NOIZE, Revista. A música da geração beat. *NOIZE*. 2012. Disponível em: <<https://noize.com.br/a-musica-da-geracao-beat/>>. Acesso em 26 ago. 2020

OLIVEIRA, Edinaldo do Nascimento. *Do Beat Ao Absurdo: Uma análise do romance Tarântula, de Bob Dylan*. Ceará: UECE/FECLESC, Semana de História da FECLESC, 2013:

http://uece.br/eventos/semanadehistoriadafeclesc/anais/trabalhos_completos/72-6443-25102013-144622.pdf

REIS, Ana Leticia. American Way of Life. Educa Mais Brasil, [S.l.]. 2019. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/american-way-of-life>>. Acesso em 25 out. 2020.

RUOF, William. *The Beat Movement and its Influence on Music*. Hayden's Ferry Review, [S.l.]. 2014. Disponível em:

<<http://haydensferryreview.com/haydensferryreview/2014/11/the-beat-movement-and-its-influence-on.html>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

STEVENS, Jenny. Lana Del Rey casts herself as Eve in Bible-inspired 'Tropico' film – watch. *MNE*, [S.l.]. 2013. Disponível em: <<https://www.nme.com/news/music/lana-del-rey-117-1242046>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

TOTALIDADE, Equipe. O que foi a Geração Beat e como ela influenciou as gerações. *Totalidade*, [S.l.]. 2016. Disponível em: <<https://totalidade.com.br/o-que-foi-a-geracao-beat-e-como-ela-influenciou-as-geracoes/#:~:text=O%20personagem%20Cool%20Cat%2C%20dos,um%20retrato%20de%20um%20beatnik.>>. Acesso em 10 jan. 2021.

YouTube:

RIDE. Direção: Anthony Mandler. Produção: Heather Heller. Santa Mônica: VEVO, 2012. 1 vídeo (10min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Py_-3di1yx0>. Acesso em: 2 ma. 2021.

TROPICO. Direção: Anthony Mandler. Produção: Lana Del Rey. Hollywood: VEVO, 2013. 1 vídeo (27min).

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VwuHOQLSpEg>>. Acesso em: 27 abr. 2021.